

# A Arqueologia portuguesa do pós-guerra vista pela correspondência de O. da Veiga Ferreira a Abel Viana

João Luís Cardoso\*

À memória de  
O. da Veiga Ferreira  
O. D. C

## Resumo

Neste trabalho publicam-se 42 cartas e cartões da correspondência enviada por O. da Veiga Ferreira a Abel Viana, entre Fevereiro de 1949 e Setembro de 1962. Trata-se da totalidade dos documentos datados daquele acervo, incluindo uma carta manuscrita situável em 1952 ou 1953 a qual, pelo seu interesse foi também reproduzida. Abarcam, pois, todo o período do pós-guerra, fazendo um retrato fidedigno dos circunstancialismos que, então, determinavam a prática da actividade arqueológica em Portugal. Nessa medida, constituem elementos de indiscutível interesse, não apenas como contributo para a História da Arqueologia portuguesa, mas também por fazerem um retrato objectivo, visto à distância de quatro décadas, do notável esforço pioneiro desenvolvido por O. da Veiga Ferreira e por Abel Viana no âmbito da investigação arqueológica do País.

## Abstract

*This paper includes 42 letters and cards send by O. da Veiga Ferreira to Abel Viana, between February 1949 and September 1962. They constitute all the dated documents available, including a manuscript dated from 1952 or 1953 which, given its importance, is also transcribed. These documents cover the post-war period, illustrating the prevailing Portuguese archaeological activities at the time. In this sense, these documents are of undeniable interest, contributing to the History of portuguese Archaeology. Furthermore, they attest the remarkable and pioneer effort of O. da Veiga Ferreira and Abel Viana in the field of archaeological research, recognized even four decades later.*

---

\* Academia Portuguesa da História e Universidade Aberta. Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras).



## Introdução

Os quarenta e dois documentos, entre cartas e postais, que serão agora objecto de publicação, correspondem, apenas, ao conjunto datado da correspondência enviada por O. da Veiga Ferreira a Abel Viana, a qual foi recuperada, após a morte deste, pelo Doutor O. da Veiga Ferreira e por este oferecida ao signatário, conjuntamente com a que recebeu de Abel Viana, a qual será oportunamente publicada. Optou-se, de momento, por aproveitar apenas documentos datados, susceptíveis de mais rigorosamente documentarem os acontecimentos mais relevantes que pontuaram, de Fevereiro de 1949 a Setembro de 1962, o quotidiano de duas das personalidades mais marcantes da Arqueologia portuguesa da segunda metade deste século. Com efeito, ambos testemunham a própria ambiência em que se desenrolaram diversos acontecimentos bem como condicionalismos de vária ordem, nos quais as relações pessoais entre os diversos intervenientes desempenharam, naturalmente, papel relevante.

O destinatário da correspondência, Abel Viana, nasceu a 16 de Fevereiro de 1896 na cidade de Viana do Castelo e faleceu em Beja a 13 de Fevereiro de 1964. Desenvolveu uma notável actividade arqueológica, a par de estudos etnográficos e históricos, primeiro na região natal, depois no Algarve e, finalmente no Baixo Alentejo. Esta sucessão de áreas geográficas, onde conduziu investigação, explica-se pela sua trajectória profissional: concluído o curso do Magistério Primário, A. Viana leccionou em diversas escolas, vindo, depois, ocupar o cargo de Inspector Escolar e de Director do Distritos Escolares de Faro, de Setúbal e, por último, de Beja, onde se radicou. Ali, obteve condições para, no final da vida, se dedicar a tempo inteiro à Arqueologia, como Bolseiro do Instituto de Alta Cultura. A sua derradeira escavação na Senhora da Cola foi, talvez, a que mais esforços lhe exigiu mas também aquela a que com maior empenho se entregou. A lista de estudos publicados por Abel Viana é impressionante: integram-na mais de trezentas referências bibliográficas, de Etnografia, Arqueologia Pré e Proto-histórica, Arqueologia Clássica, Medieval e Moderna, Historiografia, Numismática, Epigrafia e História de Arte, que bem atestam o seu incansável labor e energia; foi o arqueólogo que, no seu tempo, talvez mais escavações arqueológicas tinha no currículo; porém, ao contrário do que acontecia com

outros, seus contemporâneos, como o Prof. Manuel Heleno, frequentemente referido nesta correspondência, procurava publicar atempadamente os resultados de tais trabalhos, para o que sacrificava todo o tempo disponível, sem, contudo, perder o sentido lúdico da vida e da própria prática arqueológica. Eram características da sua maneira de ser, que ele próprio deveria rever em O. da Veiga Ferreira. Por isso, o conhecimento entre ambos rapidamente se transformou em amizade profunda, pode dizer-se filial, não se furtando Abel Viana, 21 anos mais velho que Veiga Ferreira, a prestar-lhe numerosos conselhos e a apoiá-lo, nos momentos de desalento, situação bem evidente na última carta que lhe endereçou, apenas dois dias antes de falecer, notável e extenso documento que esperamos poder publicar oportunamente.

O. da Veiga Ferreira nasceu em Lisboa, a 28 de Março de 1917, tendo falecido nesta cidade a 14 de Abril de 1997. O seu primeiro emprego, obtido o diploma de Engenheiro Técnico de Minas, em 1941, foi na Comissão Reguladora do Comércio dos Metais, de onde transitou, em 1944, para a Direcção-Geral de Geologia e Minas e, em 1950, para uma das suas subdirecções-gerais, os Serviços Geológicos de Portugal, de onde se aposentou em 1987. A assinatura das listas do MUD, em 1945, custou-lhe o congelamento da sua entrada para a Função Pública, bem como das promoções durante dezasseis anos (1946-1962). Tal situação só foi ultrapassada por intervenção pessoal do então Director-Geral de Minas e Serviços Geológicos, o Eng. L. de Castro e Solla.

Foi nos Serviços Geológicos, essa grande e bela casa de tradições centenárias, que veio a desenvolver notável actividade, que justamente o transformou numa das figuras de referência incontornável da Arqueologia nacional e peninsular. No decurso de prolongados estudos e trabalhos de campo de índole geológica, veio a descobrir importantes estações e monumentos pré-históricos que procurou explorar o melhor que podia, dentro das possibilidades concedidas pelas chefias. Para o efeito, procurou e conseguiu reunir diversificada colaboração científica, que lhe permitiu estender tais trabalhos a múltiplas regiões do País, onde outros companheiros procuravam desenvolver estudos da mesma índole. Abel Viana entra, desta forma, no quotidiano científico de O. da Veiga Ferreira, logo no início da sua actividade como arqueólogo, em 1945. Sendo já um investigador plenamente firmado no meio português, viria a orientar (e disciplinar) a evidente capacidade de trabalho e entusiasmo pela investigação arqueológica desde logo demonstradas por Veiga Ferreira, então já com 37 anos. Neste contexto, encontrou particular apoio por parte do seu Director e Amigo, o Eng. António de Castello-Branco, cuja tomada de posse como Director dos Serviços Geológicos, em 1949, praticamente coincidiu com a transferência de Veiga Ferreira para esta Instituição, sendo ali firmemente protegido pelo seu imediato superior hierárquico, o Doutor Georges Zbyszewski, eminente geólogo e, ele próprio, arqueólogo pioneiro em Portugal do estudo das indústrias paleolíticas, em colaboração com H. Breuil.

Na correspondência ora publicada, afloram pormenores de grande interesse para a compreensão das circunstâncias em que se desenvolvia a actividade arqueológica em Portugal, nas décadas de 1940 e 1950. Registam-se aspectos relativos às escavações da notável necrópole pré-histórica da serra de Monchique, organizada em diversos núcleos sepulcrais – entre outros, os de Esgravatadoiro ou Buço Preto, Eira Cavada, Palmeira, Belle France ou Quinta da Francesa e Mirante da Mata – demonstrando, pela primeira vez em Portugal, a



Fig. 1 – Da esquerda para a direita: José Formosinho, O. da Veiga Ferreira e A. Viana, aquando das escavações nas Caldas de Monchique (foto tirada em 17 de Setembro de 1947).



Fig. 2 – O. da Veiga Ferreira, fotografado nas Caldas de Monchique, aquando das escavações arqueológicas que ali realizou (ver Doc. 9, nota 35).



Fig. 3 – Abel Viana, em foto oferecida a O. da Veiga Ferreira, com a seguinte dedicatória: *Ao Querido Amigo, Octávio da Veiga Ferreira. Pianando os nossos relatórios, com 30.º à sombra. Beja, Setembro de 1950. Abel Viana.*

evolução arquitectónica e artefactual do megalitismo de determinada região natural, do Neolítico Médio ao Pleno Calcolítico, passando pelo Neolítico Final. Depois das escavações de Monchique, outros interesses emergem. A correspondência ilustra a actividade intensa que ambos desenvolveram, em colaboração com Ruy Freire de Andrade, engenheiro das Minas de Aljustrel, no estudo e publicação dos notáveis testemunhos das actividades de mineração romanas ali documentadas; tais trabalhos colocam as minas de Aljustrel como um dos arqueossítios, no seu género, melhor estudados do Mundo Romano. Merece destaque o estudo publicado em 1954, cuidadoso e primorosamente ilustrado, ainda hoje de consulta obrigatória pelo precioso acervo documental que contém.

Na década de 1950, a intensa actividade arqueológica desenvolvida por Veiga Ferreira em colaboração com Abel Viana diversifica-se, sendo pontuada por marcos que constituem, inquestionavelmente, referências incontornáveis da investigação arqueológica em Portugal. Devem referir-se, neste contexto, as explorações dos monumentos megalíticos da bacia do Vouga, efectuadas com o Eng. Luís de Albuquerque e Castro, entre as quais avulta a do dólmen de Antelas (Oliveira de Frades), cujos esteios ostentam notáveis pinturas e, no Baixo Alentejo, a descoberta e sistemática escavação de mais de uma vintena de monumentos megalíticos entre cistas e sepulturas de falsa cúpula; de entre as últimas, salientam-se os monumentos de Monte Velho, Malha Ferro, Cerro do Gatão, Monte do Outeiro, Nora Velha, Monte das Pereiras e A-dos-Tassos. As características arquitectónicas de tais monumentos, até então totalmente desconhecidos naquela província, sustentaram a hipótese, apresentada ao IV Congresso de Ciências Pré- e Proto-históricas, reunido em Zaragoza em 1954, de corresponderem à progressão dos respectivos construtores, conotados com prospectores e metalurgistas do cobre, de Sul para Norte. Tais grupos humanos, oriundos da região de Huelva e do Algarve, teriam atingido o vale do Tejo, onde afirmaram a sua presença; trata-se de hipótese que, actualmente, parece confirmar-se pelo tratamento estatístico das datas de radiocarbono disponíveis, as quais sugerem uma maior antiguidade para o início do Calcolítico à medida que se caminha da Estremadura para o Baixo Alentejo e o Algarve (Soares e Cabral, 1993). Neste contexto, é significativa a importância já ao tempo atribuída ao monumento n.º 1 de Lousal (Grândola), ao qual esta correspondência faz referência, que constituía a marca mais setentrional de tal progressão, em terras alentejanas.

Outro vector principal da actividade arqueológica de Veiga Ferreira evidenciado na presente correspondência corresponde ao relançamento da exploração dos concheiros de Muge, encetada com Jean Roche. De forma ininterrupta, de 1952 a 1966, co-orientou escavações na Moita do Sebastião (de 1952 a 1965), no Cabeço da Amoreira (1963 e, sobretudo, 1966) e no Cabeço da Arruda (1962, 1964 e 1965), vindo a participar em diversas publicações sobre os mesmos, sozinho ou em colaboração com Roche.

Neste espólio documental alude-se, ainda, à colaboração com numerosos arqueólogos marcantes da década de 1950, que bem ilustram a intensa actividade desenvolvida por O. da Veiga Ferreira e A. Viana. Com A. do Paço, publicam as "Antiguidades de Fontalva" (Elvas); com Georges Zbyszewski, estudam os materiais das escavações antigas realizadas na gruta da Ponte da Lage (Oeiras). Em uma das missivas, O. da Veiga Ferreira menciona as descobertas consideradas "formidáveis", efectuadas conjuntamente com Zbyszewski no

povoado calcolítico da Penha Verde (Sintra), em 1957. Noutra, O Prof. Fernando de Almeida é referido a propósito do projecto pioneiro de Arqueologia Urbana, promovido com O. da Veiga Ferreira, destinado a fazer renascer do esquecimento e do abandono a antiga cidade romano-visigótica de Egitânia (Idanha-a-Velha). Tais trabalhos, que implicaram, entre muitas outras tarefas, o restauro da catedral visigótica, desenvolveram-se desde 1956 até finais da década seguinte. A notável actividade arqueológica que ambos ali desenvolveram, encontra-se consubstanciada em numerosas publicações, em co-autoria, que vão do estudo de indústrias líticas sobre seixos afeiçoados até obras sobre joalharia antiga, passando por estudos sobre o megalitismo. A O. da Veiga Ferreira deve-se, ainda, a carta arqueológica da região egitaniense, um dos primeiros documentos desta índole a ser produzido em Portugal, embora publicado apenas em 1978.

Camarate França, comum companheiro e amigo, é citado a propósito das extraordinárias peças votivas calcolíticas do depósito da Samarra (Sintra), por ambos publicadas; com o casal Leisner, que conhece no retorno de uma das suas viagens a Monchique de combóio, explora um dólmen perto de Montargil, dando início a profícua colaboração que se estenderia por toda a década seguinte com Vera Leisner, incluindo escavações, revisões de antigas colecções e publicações em co-autoria, ainda hoje fundamentais. Em outra missiva, refere o povoado de Alcalar, que descobriu na companhia de G. Zbyszewski, que nunca viria a publicar, como alguns – felizmente poucos – dos monumentos e materiais referidos na correspondência.

A última carta, datada de Setembro de 1962, refere as importantes descobertas efectuadas na Gruta Nova da Columbeira (Bombarral) e novas colaborações, desta vez com activo grupo daquela vila, cujos elementos viam em O. da Veiga Ferreira e na Instituição que ele representava um porto de abrigo seguro, propício ao estudo científico e consequente dos achados arqueológicos que efectuavam, procedimento que contrastava com hábitos e práticas então usuais. Com efeito, ao longo destas quarenta e duas missivas, perpassam dificuldades de relacionamento entre A. Viana e, por acréscimo, O. da Veiga Ferreira e o Director do Museu Etnológico do Doutor Leite de Vasconcelos, então mais conhecido por “Museu de Belém” e Professor de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, o Doutor Manuel Heleno. Com efeito, por força da legislação então em vigor, aquela Instituição detinha autoridade para intervir nos achados arqueológicos que se efectuassem em qualquer ponto do território nacional, o que, naturalmente, poderia criar atritos com investigadores locais ou de outras Instituições cuja prioridade nas descobertas era legítima. Procurando Manuel Heleno assegurar para o único Museu de Arqueologia de índole nacional as peças mais representativas, o que passaria, frequentemente, por escavações prolongadas, facilmente se compreenderá a existência de situações delicadas, agravadas pela personalidade idiossincrática daquele arqueólogo. Tais diferendos eram discutidos no seio da Junta Nacional de Educação, órgão consultivo do Ministério da Educação Nacional, que superiormente tutelava a actividade arqueológica no País. Ali tinha assento outra poderosa figura da Arqueologia nacional, o Doutor A. A. Mendes Corrêa, Professor da Faculdade de Ciências do Porto e Director do respectivo Instituto de Antropologia e do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular (do Instituto de Alta Cultura); era nessa qualidade que promovia e acolhia numerosos e diversificados investigadores, entre os quais Abel Viana e O. da Veiga Ferreira, apoiando-os institucional e financeiramente.



Assim se compreendem as numerosas referências àquele Professor, instituído por força das circunstâncias em verdadeiro protector e mecenas oficial de quem, de alguma forma, constituía alternativa credível ao centralismo do Museu de Belém (e de Lisboa ...). Ocorreram conflitos, como transparece do presente conjunto documental. Manuel Heleno é frequentemente referido, não se cansando O. da Veiga Ferreira de chamar a atenção de Abel Viana para manter sempre Mendes Corrêa informado das suas actividades, através do envio regular de relatórios, por forma a este poder actuar, sempre que necessário, em sede própria, em sua defesa. O. da Veiga Ferreira que mantinha contactos cordatos com M. Heleno apesar da emotiva linguagem epistolar por vezes utilizada, encontrava-se melhor protegido do ponto de vista institucional. Com efeito, no diploma legal que definiu as atribuições dos Serviços Geológicos de Portugal, de 1918, refere-se, explicitamente, a investigação arqueológica pré-histórica, especialmente as situações directamente relacionadas com o reconhecimento geológico do território; desta forma, a instituição encontrava-se representada, por direito próprio, na Junta Nacional da Educação.

Em suma, crê-se que a correspondência agora publicada traduz o ambiente de uma época, visto através da actividade protagonizada, a diversos níveis, por personalidades marcantes, cujas relações pessoais, ora de estreita colaboração cimentada por sólidas amizades, ora pontuadas por conflitos, se encontram expressivamente espelhadas nos documentos agora divulgados. Por isso, crê-se que a tarefa a que metemos ombros constituirá contributo útil para a própria história da Arqueologia Portuguesa, além de representar homenagem pessoal ao Querido Amigo e Mestre, a quem tanto devo.

#### Documento n.º 1

*Manuscrito em folha timbrada lisa da  
Direcção-Geral de Minas e Serviços Geológicos,  
de 21,5×27,5 cm*

Lx - 12 - 2 - 949

Meu Caro Prof. e Amigo

Saúde! Não tem nada de me pedir desculpa do seu esquecimento quanto às moradas, isso sucede a muito boas pessoas. O que eu acho graça é que não há fome que não dê em fartura, há falta de um exemplar. Tem neste momento dois o nosso amigo Lyster Franco<sup>1</sup>, pois que eu mandei-lhe outra cópia e outros desenhos. Como vê nada ficou perdido.

Bem, junto envio as fotografias pedidas que devem dar ideia das nossas sepulturas de Monchique<sup>2</sup>. Vai também uma do silo encontrado e de que lhe mandei já na carta anterior as dimensões. Vou escrever ao nosso Dr. Formosinho<sup>3</sup> para lhe pedir que envie todas as notas e fotografias do achado de Odeceixe<sup>4</sup>.

<sup>1</sup> Trata-se de Gonçalo Lyster Franco, arqueólogo algarvio com diversos trabalhos publicados sobre Pré-história regional (ver Oliveira, 1984).

<sup>2</sup> Refere-se à notável necrópole pré-histórica em cuja exploração arqueológica e ulterior publicação participou activamente.

<sup>3</sup> Dr. José Formosinho, então Director do Museu Arqueológico Regional de Lagos.

<sup>4</sup> Trata-se do monumento megalítico do Monte da Várzea (Viana *et al.*, 1953d).

Quanto à sua proposta a Espanha<sup>5</sup> eu não o vou acompanhar porque não tenho dinheiro nem tempo dado os meus afazeres profissionais, isso quanto a mim não impede ao meu Caro Prof. de apresentar uma resenha das nossas actividades e descobertas em Monchique, pelo contrário é preciso mostrar aos Espanhóis que nós portugueses de lei, e embora sem recursos ou com muito pouco, também trabalhamos e estudamos em *Arqueologia*. Estou convencido que o Dr. Formosinho não tem nada de opor-se como bom português que é.

O meu caro Mestre sabe muito bem que os Espanhóis são antipáticos sobre esse ponto de vista. Não se lembram eles que têm o que querem para trabalhar. Portanto Mestre, aguente e fale em nome da Arqueologia Portuguesa aos nossos amáveis vizinhos. Se um dia houver honras (...) era o suficiente para me encher de orgulho por ter contribuído com o meu pequeno esforço para que a nossa ciência querida seja conhecida e apreciada no estrangeiro e que por conseguinte os portugueses sejam considerados também como um povo que se dedica às actividades do espírito. (...). Mostre o que quiser e entender nesse Congresso no País vizinho, de modo que eles fiquem de facto a pensar que nós os pequenos portugueses (pequenos no número) também trabalham em Arqueologia.

Desculpe este arrazoado sem nexos talvez, mas creia que é o que sinto neste momento quanto à proposta da sua carta. Acho no entanto preferível que diga qualquer coisa ao nosso amigo Dr. Formosinho.

Sabe que ele vinha novamente refilar comigo por nós não fazermos referência no último trabalho de Alcária<sup>6</sup> aos achados de Odeceixe? (...). Salvo erro a revista é de Maio ou de Junho de 1948 as coisas de Odeceixe<sup>7</sup> só chegaram às mãos do Dr. Formosinho em Dezembro, como é que havíamos deles fazer referência em Maio ou Junho? (...). Bem até breve pois apresento cumprimentos a sua Ex.<sup>a</sup>. Esposa e filhos com um abraço para si do Amigo.

V. Ferreira

#### Documento n.º 2

*Manuscrito em folha lisa de 21,3x27 cm*

Lx - 7 - Maio 1949

Meu Caro Prof. Viana

Acabo de receber o seu bilhete postal e fiquei contente por saber que fez a sua viagem sem grande novidade, e também pelo facto de o trabalho apresentado no congresso ser bem acolhido<sup>8</sup>. Vou ver se consigo mandar-lhe na terça-feira todas as fotografias que possuo quer as do campo tiradas por mim, quer a do gabinete tirada pelo nosso Zby. O seu artigo, fique descansado, há-de sair o melhor possível. Como é publicado em duas vezes, isto é, em dois números consecutivos só depois de sair o último número é que lhe poderei mandar o orçamento para as 400 separatas pedidas pelo Prof.

Fique descansado que não só as provas do artigo publicado na revista, como as provas de separatas, serão sempre enviadas para si, para fazer as emendas e rectificações que achar convenientes<sup>9</sup>.

<sup>5</sup> É o I Congresso Nacional de Arqueología, reunido em Almería nesse mesmo ano de 1949 e onde A. Viana, O. da Veiga Ferreira e J. Formosinho apresentaram a comunicação "Nuevas contribuciones para el conocimiento de la Edad del Bronce del Algarbe. Las necrópolis de las Caldas de Monchique", publicado em 1950 nas respectivas actas, p. 88-94 (Viana *et al.*, 1950).

<sup>6</sup> Trata-se de materiais visigóticos, então publicados (Viana *et al.*, 1948b).

<sup>7</sup> Ver nota 4.

<sup>8</sup> Ver nota 5.

<sup>9</sup> O. da Veiga Ferreira concedia sempre a A. Viana a última palavra nos artigos que juntos produziam, cabendo a este a revisão final dos textos para publicação, situação que justificaria, se outras não houvesse, a prioridade que, invariavelmente, detinha na ordem das autorias.

Sempre que tenhamos algum trabalho pequeno de colaboração e não tendo onde o publicar ou querendo mudar de editor, podemos mandar para o boletim do Fomento Mineiro pois que lá publicam. É necessário é que pelo menos um dos funcionários da D. G. de Minas seja colaborador. Para os trabalhos só seus, temos por enquanto (isto é, eu) a revista do meu Sindicato.

A noção de “trabalho pequeno” que eu apontei há pouco não quer dizer que não publiquem um trabalho de 20 ou 30 páginas de texto e meia dúzia de gravuras. Estou convencido que o meu Caro Amigo Eng.<sup>o</sup> Guimarães dos Santos que o conhece a si muito bem e que lhe manda por meu intermédio um valente abraço, não publique mesmo qualquer coisa um pouco maior.

Sabe que o nosso Dr. Formosinho não nos liga nenhuma. Escrevo-lhe a pedir os elementos de Odeceixe porque podíamos aproveitar a maré e metermos esse pequeno estudo nas *Notas e Estudos do Fomento Mineiro a sair este ano*. Aperte com ele pois que já duas vezes lhe escrevo e não me responde.

Este ano em Julho vamos a Monchique e temos que ir a Lagos pois há lá muita coisa que precisa que queria ser conhecida e o nosso amigo Dr. Formosinho já não faz nada, e aquilo perde-se ou vai parar a outro tipo que nenhum trabalho teve para que uma só peça entrasse no museu. Lembrese se o Dr. Formosinho tem qualquer precalço, o Manuel Heleno cai lá e aquilo tudo vai para o Etnológico de Belém e *cai ao poço*<sup>10</sup>.

Bem até breve pois apresente os meus respeitosos cumprimentos a Sua Esposa e filhos e para si um abraço do discípulo seu Amigo

Veiga Ferreira

P.S.- Temos que acabar aquilo em Monchique<sup>11</sup> este ano. É o último ano que lá vou.

### Documento n.º 3

*Manuscrito em folha pautada de 20,8x25,0 cm*

Lx - 15 - 7 - 949

Meu caro Prof. Viana

Desejo que tenha passado bem assim como os seus. Nós caminhamos o melhor que podemos neste vale de lágrimas e de falências. Junto envio as fotografias e os desenhos que me pediu. Mando-lhe também umas fotografias novas e únicas da necrópole da Vagarosa<sup>12</sup>, onde eu fiz escavações num dia destes em virtude de lá arrancarem uns pinheiros. Apareceram várias mas com nada dentro, apenas na última apareceu um molde em barro semelhante ao de Alcaria, esse molde é, creio eu, de uma arrecada ou brinco, que o Prof. Leite de Vasconcellos estudou alguns. É mais imperfeito do que o de Alcaria que vai numa destas fotografias que agora lhe mando<sup>13</sup>.

Pensei ser de utilidade umas fotografias da necrópole, e pedi ao nosso amigo Manuel do Nascimento que está aborrecido consigo porque nunca lhe mandou nada dos seus trabalhos nem tão pouco lhe disse nada do livro que ele lhe mandou.

<sup>10</sup> Esta expressão é clara quanto ao conflito vivido entre alguns arqueólogos. O estudo de conjunto das peças arqueológicas mais notáveis conservadas no Museu de Lagos veio a lume em 1953 (Viana *et al.*, 1953a).

<sup>11</sup> Ver nota 2.

<sup>12</sup> Trata-se de uma das necrópoles da serra de Monchique, da Idade do Bronze, possuindo sepulturas do tipo cista (ver, por exemplo, Viana *et al.*, 1954, Est. VII, n.º 5 e 6), das quais se exploram várias (Viana *et al.*, 1950, p. 93 e Fig. 9).

<sup>13</sup> Trata-se de uma “sanguessuga” de terracota, considerada como molde de exemplares de bronze, constituindo adereços móveis de elementos de adorno, da Idade do Bronze (Viana *et al.*, 1954, Fig. 20, n.º 14).

Como de costume indico no verso das fotografias o que elas representam.

Envio também como já disse os desenhos. Na planta de conjunto vão indicadas todas as estações das Caldas. Não indiquei números porque eu perdi aquele seu esboço da outra vez para o trabalho grande, de modo que o meu caro Prof. faz o favor de colocar o número e fazer a legenda. Se precisar de mais algum elemento mande dizer se faz favor.

Desculpe só hoje mandar-lhe as fotografias mas com deve calcular isto demora sempre um, dois ou três dias a tirar.

Esteja descansado com o seu trabalho de Faro<sup>14</sup> porque o Bueno<sup>15</sup> disse-me que ia fazer o possível e que concerta havia de conseguir de uma maneira ou de outra as separatas deste seu artigo e dos seguintes.

Para Outubro se Deus quizer lá estaremos em Monchique. Peço-lhe a fineza de me escrever para o Serviço a partir de Agosto e o mês de Setembro pois que vou para fora com a mulher e petizas mas venho à Repartição.

No mês de Setembro talvez possa escrever-me para onde eu vou, Santo Amaro de Oeiras<sup>16</sup>, mas depois eu digo-lhe.

Por hoje termino a música, peço apresente os meus respeitosos cumprimentos a Sua Exm.<sup>a</sup> Esposa e filha e um Abraço para si e para os dois Vianas do trio, do seu sempre Amigo e grato discípulo

Veiga Ferreira

P.S. Mando-lhe uma fotografia de uma das mamôas do Mirante da Mata<sup>17</sup> a explorar em Outubro.

#### Documento n.º 4

*Manuscrito em cartão timbrado da Direcção-Geral de Minas e Serviços Geológicos de 12,9x8,1 cm*

25 - 9 - 949

Meu Caro Prof. Viana

Saúde! Calculo qua esta hora o Mestre julgou que eu morri ou fui preso mas graças a Deus nada disso. Regressei da praia e estou ainda de licença, encontrei um bilhete seu já antigo e mandaram um outro dos Serviços para minha casa também já de alguns dias. Tenho más notícias a dar-lhe quanto à ida a Monchique. Temos que contar com o dinheiro do nosso Dr. Formosinho e vamos fazer escavações em Outubro mas eu se estiver presente e por aquelas coisas que lhe disse estou *incógnito*. Se por qualquer caso eu não puder comparecer ou melhor não me *deixarem*<sup>18</sup> o meu querido Prof. e o nosso comum Amigo Dr. Formosinho fazem as escavações. O Cláudio sabe onde

<sup>14</sup> Trata-se do estudo intitulado "Restos de Ossónoba, no Largo da Sé, em Faro" (Viana, 1949), publicado em diversos números da Revista do Sindicato Nacional dos Engenheiros Auxiliares, Agentes Técnicos de Engenharia e Condutores, por iniciativa de O. da Veiga Ferreira, que era sócio do referido Sindicato.

<sup>15</sup> Eng. electrotécnico Bernardino Sánchez Bueno, responsável pela edição da Revista. Ver nota 14.

<sup>16</sup> Possuía uma casa alugada em Santo Amaro de Oeiras, que conservou durante alguns anos e onde chegou a residir permanentemente.

<sup>17</sup> A necrópole do Mirante da Mata é uma das mais importantes da serra de Monchique; integram-na à data do início da exploração aludida, quatro cistas, abertas em 1927 por um indivíduo da região, dono do terreno (Viana, *et al.*, 1954, Est. VI).

<sup>18</sup> Este trecho é, por si só, suficientemente elucidativo acerca das dificuldades com que O. da Veiga Ferreira se debatia, no seio da Direcção-Geral de Minas e Serviços Geológicos, onde então trabalhava, nas suas antigas instalações da Praça do Comércio, para o exercício de actividades no âmbito da Arqueologia.

estão as mamôas e se houver tempo e dinheiro o “Cerro do Castanho”<sup>19</sup>. Até breve, pois, lhe direi o dia em que nos havemos de encontrar ou o que há a fazer.

O Dr. Formosinho nunca me mandou a cópia dos trabalhos como de costume.

Um abraço do seu grato discípulo

Veiga Ferreira

### Documento n.º 5

*Manuscrito em folha lisa de 21,2x27,0 cm*

Lx - 6 - 10 - 949

Meu Caro Prof. Viana

Saúde! Não respondi logo ao seu postal por ter que pensar na melhor maneira de nós fazermos a campanha de este ano nas Caldas de Monchique.

Vou propor uma coisa ao meu caro Prof. que talvez concorde. Em virtude das coisas que sabe o senhor Prof. escreve uma carta com o papel timbrado do Centro de Estudos do Baixo Alentejo, carta essa dirigida directamente ao Director Geral de Minas e Serviços Geológicos, senhor Eng.º Castro e Solla, pedindo para eu participar nas escavações nas Caldas de Monchique a realizar nos dias 18 de Outubro e seguintes do presente ano<sup>20</sup>. Não entre em pormenores para não dar a entender que sabe o que se passa quanto a mim. O Director recebe a carta e, ou manda informar o serviço a que eu pertença, ou chama-me e diz-me que eu posso tomar parte nas escavações. Admitindo que eu não sou autorizado *o nosso trio* não se desfaz. (...). Procure o Cláudio que sabe desta combinação por ter estado em minha casa, e ele arranja os homens incluindo o Manuel que será pago pela verba do Museu de Lagos ou por nós os três. Estou convencido que o Director Geral autoriza mas se não autorizar nós já ficamos a saber com quem contamos e depois de eu ir para os Serviços Geológicos voltamos ao antigo como já me prometeu o D. António de Castelo Branco Chefe do Serviço<sup>21</sup> e o Dr. Zby o nosso sempre Amigo e Protector<sup>22</sup>.

Se tudo correr bem no dia 18 encontro-me consigo em Beja indo no rápido e seguimos rumo a Monchique e ao desconhecido. Ainda mais uma coisa, o Prof. faz a carta simples, diz que em continuação dos trabalhos arqueológicos feitos nos anos anteriores debaixo da protecção da Direcção Geral de Minas e em virtude de podermos prosseguir este ano na nova campanha pedia a minha comparência nas escavações deste ano, como enviado da Direcção ou coisa parecida, e mais nada. Depois o resto é comigo se me chamarem para eu dizer de minha justiça; se não me disserem nada ou que eu não vá, já sabe marche rumo a Monchique em prol da nossa ciência querida<sup>23</sup>.

Até breve pois se Deus quiser, e tenha paciência faça pelo seu discípulo mais este favor.

Peço me recomende aos seus, com um abraço para si do seu grato Amigo

Veiga Ferreira

P.S.- Pode mandar dizer ao nosso Dr. Formosinho que se tudo caminhar bem no dia 18 à tarde estamos nas Caldas.

<sup>19</sup> Estação romana da região de Monchique, à qual foi dedicada estudo ainda inédito (manuscrito da época da autoria de O. da Veiga Ferreira).

<sup>20</sup> Ver nota 18.

<sup>21</sup> Eng. António de Castello-Branco, Director dos Serviços Geológicos de Portugal de 1950 a 1962.

<sup>22</sup> Doutor Georges Zbyszewski, eminente geólogo e arqueólogo, Geólogo dos Serviços Geológicos desde Janeiro de 1940 até à sua aposentação, em Outubro de 1979.

<sup>23</sup> Nestes curtos e singelos parágrafos encontra-se bem expressa a dedicação de O. da Veiga Ferreira à Arqueologia, sentimento tão genuíno quanto forte e inexplicável.

**Documento n.º 6**

*Manuscrito em papel timbrado liso da Direcção-Geral de Minas e Serviços Geológicos, de 21,1x26,8 cm*

Lx - 21 - 11 - 949  
Meu Caro Prof. Viana

Deve estar muito admirado do meu silêncio, mas a minha vida tem andado um pouco mal por causa da saúde de minha mulher<sup>24</sup>. Graças a Deus parece ir neste momento um pouco melhor. Oxalá o meu caro Prof. tenha também passado melhor dos achaques que trouxe de Monchique.

Ainda não desenhei os túmulos pois que não tenho tido disposição para isso. Vou, depois de chegar do Algarve para onde parto hoje, começar com essa faina e na semana que vem começo enviá-los para si.(...).

Aceito de boa vontade os conselhos que me deu na sua última carta e farei o possível por segui-los<sup>25</sup>. Diga-me se faz favor quando tenciona estar em Lisboa para eu preparar a minha vida de modo a poder estar consigo para trabalharmos se for necessário.

Dei um abraço ao França<sup>26</sup> e outro ao Zby quando regresssei da nossa campanha de Monchique.

As suas separatas dos trabalhos com o Zby estão prontas e ele espera que venha a Lisboa para as assinar e proceder-se à distribuição<sup>27</sup>.

Aguardo as suas prezadas ordens peço apresente os meus cumprimentos a Sua Exm.<sup>a</sup>. Esposa, com um abraço para si do seu discípulo teimoso e também amigalhão.

Veiga Ferreira

**Documento n.º 7**

*Manuscrito em cartão timbrado dos Serviços Geológicos de Portugal de 15,7x9,6 cm*

Lx - 9 - 6 - 951  
Meu Caro Prof.

Junto envio o desenho com a área do Molião<sup>28</sup> conforme seu pedido. Creio que é isso o que me pede mas se faltar alguma coisa o meu caro Prof. acrescenta.

Vou começar hoje a fazer a grande da região de Lagos e logo me responda quanto aos que fiz ataco a fundo os outros desenhos.

<sup>24</sup> Dona Maria Luísa Fernandes Bastos dos Santos Ferreira, casada com o Doutor O. da Veiga Ferreira a 17 de Maio de 1941

<sup>25</sup> A par e passo, transparece o respeito de O. da Veiga Ferreira por A. Viana manifestando-se em frequentes agradecimentos despretenciosos que pontuam toda a correspondência.

<sup>26</sup> Dr. José Camarate França, geólogo e arqueólogo (ver listagem das publicações em Oliveira, 1984) falecido prematuramente em 1963. Na nota necrológica que lhe dedicou, O. da Veiga Ferreira, companheiro de tantos trabalhos de campo e de gabinete, declara "Com a morte do Dr. Camarate França perdem a Geologia e a Arqueologia um grande e honesto investigador. A Espeleologia perdeu também um grande cultor e eu, sem dúvida, fiquei privado da companhia dum bom e leal amigo!".

<sup>27</sup> Trata-se do artigo "Contribuição para o estudo do Quaternário do Algarve" (Viana e Zbyszewski, 1949).

<sup>28</sup> Trata-se do Monte Molião, situado na margem esquerda da ribeira de Lagos, quase fronteiro á cidade de Lagos e onde se têm recolhido, desde há muito, materiais arqueológicos, sobretudo romanos, republicanos e imperiais. Acerca desta estação, O. da Veiga Ferreira publicou, com A. Viana e J. Formosinho, pequeno estudo (Viana *et al.*, 1952).

Oxalá tenha passado melhor eu, volta e meia, ando atrapalhado com o reumático mas cá vou andando com pectens<sup>29</sup>, coisas velhas e companhia.

Recomendações de todos os Amigos daqui. O Prof. Mendes Corrêa<sup>30</sup> pede-lhe imensas desculpas por ainda não lhe ter escrito, o que fará em breve.

Um abraço de discípulo sempre Amigo

Veiga Ferreira

#### Documento n.º 8

*Manuscrito em papel timbrado liso do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, de 21,1x27,1 cm*

Lx + 18 - 6 - 1951

Meu Caro Prof. e Amigo

Que tenha melhorado das suas doenças são os meus melhores votos. Apesar de o serviço aqui ter triplicado eu continuo a não faltar à chamada da Arqueologia e assim envio ao meu Prof. Amigo a segunda fase da tarefa dos desenhos. Vou no entanto dizer quanto aos túmulos as dificuldades que tive para os desenhar numa escala decente, e a maneira como resolvi essas dificuldades para ver se o Mestre concorda.

1.º – O nosso bom Dr. Formosinho, nalguns dos túmulos como do Vidigal<sup>31</sup> não lhe pôs medidas, servi-me para isso dos túmulos do Santos Rocha, no mesmo local, e de medidas que eu por acaso fizera em tempos nos desmantelados restos que o nosso Dr. Formosinho lá deixara. No dolmen mais pequeno servi-me do túmulo n.º 1 do Estácio pois que a disposição das lages são as mesmas e o contorno com a diferença de ser mais pequeno, o nosso. Fiz-lhe também um corte pois que como sabe eu visitei Alcalá<sup>32</sup> mais de uma vez e tive o cuidado de com o nosso velho Cláudio e o Manuel Nunes tirar medidas de toda aquela música que lá existe e adoptei uma medida que não deve andar muito longe da verdade para este monumento n.º 1 do Formosinho.

O Dr. Formosinho enquanto eu estive a desenhar os túmulos devia ter as orelhas a arder. Nalguns nem uma medida aquele marôto pôs!! (...).

2.º – Há-de desculpar a imperfeição de alguns dos desenhos mas isso foi feito a vapor, pois parto hoje para a região de Évora onde devo permanecer até ao fim do mês e tinha que lhe enviar isto hoje sem falta<sup>33</sup>. A planta grande não lhe peguei (...) tenciono fazê-la no regresso e em 1 ou 2 dias lha remeterei. Eu tenho uma carta na escala 1/200.000 salvo erro que é muito cómoda e que me

<sup>29</sup> Referia-se aos estudos sobre Pectinídeos miocénicos, em que se notabilizou (ver, por exemplo, Ferreira, 1961), constituindo tema de dissertação complementar de "Doctorat d'Université" apresentado à Sorbonne, em 1965.

<sup>30</sup> Prof. Doutor A. A. Mendes Corrêa (1888-1960), Professor de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto e Director do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, no âmbito do qual apoiou múltiplas investigações arqueológicas, promovendo ainda a sua publicação nos *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*.

<sup>31</sup> Trata-se de necrópole de cistas da Idade do Bronze da região de Monchique, anteriormente explorada por A. dos Santos Rocha (Rocha, 1911, p. 73 e ss.).

<sup>32</sup> Alcalá, ou Alcalar, célebre necrópole calcolítica do concelho de Portimão, cujos primeiros sepulcros, do tipo *tholoi*, foram exploradas por Estácio da Veiga (Veiga, 1889).

<sup>33</sup> Por esta e outras passagens, verifica-se que todo o labor de O. da Veiga Ferreira apenas era possível nos momentos deixados livres pelos trabalhos de campo de âmbito estritamente geológico, que aproveitava até aos limites do possível. Esta situação persistiu, ainda que, esporadicamente, tivesse dirigido, oficialmente, como representante dos Serviços Geológicos de Portugal, diversas explorações arqueológicas. Era em casa, no seu diminuto local de trabalho, que desenvolvia todo este esforçado labor, incluindo a preparação de elementos gráficos para os seus trabalhos.

parecia melhor para o fim em vista pois tem as localidades principais, estradas enfim tudo o necessário e é muito mais pequena. Lembra-se que eu tinha em minha casa todas as estações nelas marcadas com alfinetes de cor? mesmo as do Estácio? *Diga-me se concorda* pois que seria muito mais fácil para mim (...) a planta nessa escala.

Se tiver mais alguma a fazer mande pois que eu irei despachando à medida que for necessário tudo o que quiser. Até à volta pois desculpe a demora dos desenhos, peço apresente cumprimentos aos seus, as suas melhoras com um abraço do seu sempre e grato Amigo.

Octávio da Veiga Ferreira

P.S Recebeu a carta dos arredores de Lagos (Molião) que eu lhe enviei<sup>34</sup>? Diga por favor alguma coisa sobre isto!

Veiga Ferreira

#### **Documento n.º 9**

*Manuscrito em cartão timbrado dos  
Serviços Geológicos de Portugal de 15,7x9,6 cm*

Lisboa 2 Janeiro 1952

Saúde! Ai vão as primeiras notícias do ano de 1952 com 10% e tudo. Junto envio também uma fotografia dos tempos áureos da escavação em Monchique, tirada dentro da casa do Garcia pelo Manuel do Nascimento. Junte lá essa beleza ao painel de fotos da parede (nota: trata-se da Fig. 2 deste trabalho)<sup>35</sup>. Por estes dias mando-lhe os desenhos do trabalho grande para o Mestre fazer o favor de ordenar e verificar se está tudo em ordem. Logo que isso esteja pronto mande-me imediatamente para eu o entregar definitivamente ao Prof. Mendes Corrêa<sup>36</sup>.

Termino rogando e desejando que tenha um novo Ano sem asma, palpitações de coração e outras coisas parecidas.

Peço apresente os meus cumprimentos aos seus com abraço do dedicado Amigo

Veiga Ferreira

#### **Documento n.º 10**

*Manuscrito em duas folbas timbradas lisas do  
Instituto de Antropologia da Universidade do  
Porto de 13,4x21,0 cm*

Lisboa 22/5/952

Meu Caro Prof. Viana

Ainda bem que está de saúde como suponho por causa da sua imensa actividade. Eu cá vou andando sem saber para onde me hei-de voltar. Os achados, material, pesquisas, fósseis, tudo isto aumenta assustadoramente por todos os lados. Isto é um grande país, Pré-histórico já se vê<sup>37</sup>. Cá recebi a sua separata o que muito agradeço. Já a li pois que ao tratar de dolmens e sepulturas mega-

<sup>34</sup> Ver nota 28. Corresponde à Fig. 1 do respectivo estudo (Viana *et al.*, 1952).

<sup>35</sup> Pequeno gesto, expressivo da amizade afectuosa que cimentava a colaboração científica entre O. da Veiga Ferreira e A. Viana.

<sup>36</sup> O "trabalho grande" corresponde certamente ao volumoso artigo publicado por A. Viana, O. da Veiga Ferreira e J. Formosinho em 1953, no vol. 14, a pág. 66 a 225 dos *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* (Viana *et al.*, 1953).

<sup>37</sup> Observação irónica à situação política do País. Relembre-se a posição desassombrada de O. da Veiga Ferreira ao assinar as listas do MUD em 1945.



líticas é muito importante por causa das pesquisas que realizei no Lousal<sup>38</sup>. Traga o trabalho do cobre para Lisboa pois temos de fazer referência aos achados do Lousal que se prendem portanto com a nossa teoria do cobre<sup>39</sup>. Imagine que encontrámos um túmulo com características um pouco *alcalarenses* embora de menores dimensões e maior rudeza com uma lança de cobre e material cerâmico muito próximo do de Alcalar<sup>40</sup>. Isto é a maior prova para aquilo que pensamos e vem demonstrar que o cobre teve uma enorme importância nesses aglomerados populacionais desde Almeria até agora ao Lousal<sup>41</sup>. (...) Estou a retomar as coisas de Monchique pois que recebemos 20.000\$00 para a sua publicação. Veja se pode demorar-se alguns dias em Junho pois queria aproveitar a sua vinda para estudarmos Fontalva<sup>42</sup>. Não traga a sua máquina nós trabalhamos com a do Serviço e as chapas vai dá-las o Centro de Estudos. O nome do abade é *L' Abbé Jean Roche*<sup>43</sup>. Também lhe queria pedir se ainda resta por aí alguma separata das coisas de Monchique que não faça falta pois que como sabe aqui batem muitos especialistas estrangeiros durante todo o ano e eu tenho distribuído muita coisa<sup>44</sup>. Tenho tudo aprontado e quando vier a Lisboa vai levar uma lista. Eu dei ao Abade Roche o nosso trabalho sobre "La necropolis de las Caldas de Monchique" publicado na Junta Superior de Escavaciones<sup>45</sup>.

Os achados do Lousal são interessantes além do túmulo que falei com este feito (apresenta esboço) explorei um dolmen gigantesco com falsa cúpula (?). A câmara desse dólmen mede 5,50 m por 4,35 m e com 3,50 m de altura é um verdadeiro monstro<sup>46</sup>.

<sup>38</sup> O. da Veiga Ferreira e A. Rodrigues Cavaco exploraram, perto do Lousal, diversas sepulturas megalíticas, *tholoi* e cistas, que prontamente publicaram (Ferreira e Cavaco, 1952, 1955/57).

<sup>39</sup> Esta "teoria do cobre" consiste na progressão, da Andaluzia, passando pelo Algarve, até à região do Tejo, de prospectores, mineradores e metalurgistas do cobre. Tal progressão estaria pontuada no terreno pelas sepulturas do tipo *tholos*, pertencentes a tais comunidades. Deve-se a A. Viana, O. da Veiga Ferreira e R. Freire de Andrade as primeiras descobertas deste tipo arquitectónico tumular calcolítico no Baixo Alentejo (ver, entre outros, Viana *et al.*, 1957, 1959, 1960, 1961a, 1961b, 1961c), constituindo um dos contributos mais marcantes para o conhecimento da Pré-história recente do sul peninsular. Com efeito, os dados de cronologia absoluta presentemente disponíveis, parecem confirmar tal hipótese – apresentada no IV Congreso Internacional de Ciencias Prehistoricas e Protohistoricas, reunido em Madrid, em 1954 (Viana e Ferreira, 1956) – ao evidenciarem uma maior antiguidade do início do Calcolítico, no Baixo Alentejo e no Algarve, comparativamente à área estremenha (Soares e Cabral, 1993).

<sup>40</sup> Trata-se do monumento n.º 1 do Lousal (Ferreira e Cavaco, 1952, 1955/57). Ver nota 38.

<sup>41</sup> Ver nota 39.

<sup>42</sup> Trata-se de estudo dos materiais recolhidos na herdade do mesmo nome e publicados, primeiro, apenas com A. do Paço (1951) e, depois, com este e A. Viana (Paço e Ferreira, 1951; Paço *et al.*, 1957).

<sup>43</sup> Arqueólogo francês que se notabilizou em Portugal pelos estudos dedicados aos concheiros mesolíticos de Muge, nos quais teve em O. da Veiga Ferreira um firme, constante e precioso colaborador, entre 1952 e 1966 (escavação integral do concheiro da Moita do Sebastião e parcial dos concheiros do Cabeço da Arruda e do Cabeço da Amoreira).

<sup>44</sup> Refere-se às constantes visitas de arqueólogos estrangeiros ao Museu dos Serviços Geológicos de Portugal, cuja secção arqueológica se encontrava sob sua responsabilidade, durante as quais oferecia trabalhos de sua autoria. Neste caso tratar-se-á de separatas de artigos publicados em co-autoria com A. Viana (por exemplo, Viana *et al.*, 1948a, 1948b, 1949, 1953a, 1953b, 1953c, 1953d).

<sup>45</sup> Ver bibliografia: Viana *et al.*, 1949.

<sup>46</sup> Trata-se da sepultura 1 das Boiças, monumento megalítico do tipo *tholos*, de grandes dimensões conhecido localmente pela "pata do cavalo" (Ferreira e Cavaco, 1955/57, p. 192, F. 5), certamente pelo facto de a arquitectura da câmara evocar a morfologia arqueada dos cascos dos equídeos. O seu diâmetro atingia quase 6 m, medindo alguns dos seus esteios mais de 3 m de comprimento. Seria originalmente coberta por falsa cúpula.

Quanto às cistas de tipo argárico explorei só duas sem material como é vulgar<sup>47</sup>. A sua construção e dimensões lembram as do Algarve sobretudo Alcaria (Monchique). O cabeço está pejado delas pois os esteios aqui e além afloram. Não tive tempo de fazer a sua exploração completa calculo que devam existir uma vintena delas. Explorei também galerias megalíticas no género das de Monchique. Imagine que uma delas com 3,50 m de comprimento tem aquela forma elíptica tão interessante das gomas das Caldas<sup>48</sup>. Infelizmente muito pouco espólio. Nada dos nossos tão simpáticos microlitos “à coche”. A área penso estar virgem do *cortina de Ferro*<sup>49</sup> e agora já ele não mete lá o nariz. Foi tudo comunicado à Junta<sup>50</sup>. O melro teve enfim a coragem de dizer que o túmulo do Lousal<sup>51</sup> era uma coisa muito curiosa e que não conhecia igual nos dolmens do Alentejo. (...) explorou tanta coisa e apesar disso Deus não o beneficiou com um monumento como o nosso.

Estou a ver a cara do bicho quando ler o trabalho do nosso Amigo Roche<sup>52</sup> sobre o Aurignacense típico evoluído. Vai rebentar como uma castanha! Eu gostava é que ele estudasse o material dele e que o *apelidasse* de *Perigordense!*!!! Como teve a coragem de chamar a este quando o viu em Torres. E é este *sábio* vogal da Junta e Director do maior museu de Portugal!

Bem Prof. Amigo cá o espero de braços abertos para trabalhar e para comer uns *borrachos* corados com batatinhas fritas debaixo do meu célebre *caramanchão* no meu quintal<sup>53</sup>, cheio de fruta, rosas e duas *traquinas* que cada vez estão piores de aturar<sup>54</sup>. Até lá tenho de me atirar loucamente ao trabalho<sup>55</sup>. Peço apresente cumprimentos a sua Exm.<sup>a</sup> esposa e aos seus com um abraço para si do sempre e leal Amigo.

Veiga

<sup>47</sup> Ver nota 38.

<sup>48</sup> Trata-se da sepultura 2 das Boiças (Ferreira e Cavaco, 1955/57, p. 194, Fig. 7).

<sup>49</sup> Trata-se do Prof. M. Heleno, assim adjectivado pelo facto de procurar, denodadamente, a posse científica em nome do Museu que dirigia (actual Museu Nacional de Arqueologia), de todas as estações arqueológicas de maior interesse descobertas no País, a coberto da legislação em vigor.

<sup>50</sup> Ao proceder a comunicação à Junta Nacional de Educação, ao tempo órgão consultivo do Ministério da Educação Nacional, estavam os arqueólogos a salvaguardar a prioridade científica dos achados. Deste modo, poderiam depois, em condições vantajosas, solicitar autorização para posteriores escavações, ou justificar as já efectuadas, caso revestissem carácter de urgência, sobretudo se, na Junta, dispusessem dos apoios certos, contornando assim eventuais dificuldades levantadas, designadamente por parte do Prof. M. Heleno.

<sup>51</sup> Ver nota 46.

<sup>52</sup> Trata-se do estudo do material recolhido por Leonel Trindade no Rossio do Cabo, sobre o litoral do concelho de Torres Vedras e onde ulteriormente se efectuaram escavações, tendo o respectivo estudo e publicação ficado a cargo de J. Roche, que o atribuiu ao Aurignacense (Roche e Trindade, 1951). Recentemente, foi atribuído ao Magdalenense Final ou ao Mesolítico (Zilhão, 1997).

<sup>53</sup> O. da Veiga Ferreira nunca perdeu, apesar de quase sempre totalmente entregue ao trabalho científico, o sentido lúdico da vida, mesmo que esses “pequenos prazeres” a que se entregava fossem, afinal, tão simples, elementares e genuínos, como os referidos. O lado estético do lazer também não lhe era indiferente: disso é prova a menção ao seu quintal cheio de fruta e rosas; trata-se de modesto terreno existente nas traseiras da sua habitação do Bairro da Encarnação, em Lisboa e onde, a brincar, dizia ter criado um “microclima”, pela introdução de espécies arbóreas. Quando aos “borrachos”, era ele próprio que os capturava, nas sacadas das janelas dos próprios Serviços Geológicos...

<sup>54</sup> Trata-se das suas duas filhas, Seomara e Ana Maria.

<sup>55</sup> Ver nota 53 (início).

**Documento n.º 11**

*Manuscrito em cartão timbrados dos  
Serviços Geológicos de Portugal de 15,7x9,6 cm*

Lisboa 29/5/952  
Meu Caro Prof.

Em virtude de surgirem à última hora trabalhos importantes e urgentes em Muge<sup>56</sup> não estará nos Serviços na próxima (semana) pessoa alguma para atender o Amigo. (...) pede o nosso Dr. Zby se por acaso o Prof. podia adiar a viagem para a semana seguinte. Creio que é a melhor solução em virtude o Amigo vir trabalhar com ele<sup>57</sup> e comigo que estaremos ausentes.

Parabéns pelos seus achados de Odivelas<sup>58</sup> se for de facto um tumulo de Los Millares isso é duma importância extraordinária para com os do Lousal justificar o avanço para o Norte dessa cultura<sup>59</sup>. Até aqui estava como sabe pelo limite do Algarve.

Até 11 ou 12 de Junho portanto! Cá o esperamos assim como os velhos borrachos<sup>60</sup>. Um abraço do seu sempre Amigo

Veiga Ferreira

**Documento n.º 12**

*Manuscrito em papel de carta timbrado dos  
Serviços Geológicos de Portugal de 31,4x19,8 cm*

Lisboa 24 Junho de 1952  
Meu caro Prof. Viana

Saúde! Já regressei da longa campanha a Muge onde se puseram a descoberto coisas dum grande valor para a arqueologia mundial<sup>61</sup>. Cá estou portanto às suas ordens para trabalharmos aqui no Serviço se acaso lhe convier. Desculpe o ter de adiar a sua viagem mas o Abade Roche necessitava de mim em Muge por isso não o podia atender. O nosso trabalho sobre Monchique já está definitivamente pronto e entregue ao Sr. Prof. Mendes Corrêa. Vamos lá ver se desta vez é que vai<sup>62</sup>.

Diga-me por favor se tenciona vir trabalhar connosco aqui e quando para eu organizar a minha vida no mês que vem.

Falei também com o Dr. Silva Cunha que me disse não ser publicada ainda este ano a nossa secção do Congresso Luso-Espanhol mas que no ano que vem seria certo<sup>63</sup>.

Não se esqueça de trazer as separatas que lhe pedi<sup>64</sup> para o fim patriótico a que se destinam. Enviei hoje ao Sub-Secretário do Comércio e Indústria que conheci ontem aqui no Serviço uma separata das coisas das Caldas enviada por si e por mim. Era a última.

Cá espero as suas sempre bem vindas notícias peço apresente cumprimentos aos seus com um abraço do sempre amigo.

Veiga Ferreira

<sup>56</sup> Trata-se do início das escavações no concheiro de Moita do Sebastião, onde O. da Veiga Ferreira participou activamente.

<sup>57</sup> A. Viana desenvolvia paralelamente com Georges Zbyszewski, nos Serviços Geológicos, trabalhos que ulteriormente publicaram conjuntamente. Por essa altura, por exemplo, apresentaram síntese sobre os materiais paleolíticos dos arredores de Beja (Viana e Zbyszewski, 1952).

<sup>58</sup> Trata-se do notável monumento do tipo *tholos* da Folha da Amendoeira, Odivelas, concelho de Ferreira do Alentejo (Viana, 1953).

<sup>59</sup> Ver nota 39.

<sup>60</sup> Ver nota 53.

<sup>61</sup> Trata-se da exploração, então iniciada do concheiro da Moita do Sebastião.

<sup>62</sup> Ver nota 36.

<sup>63</sup> Trata-se de dois estudos apresentados ao XIII Congresso, reunido em Lisboa em 1950, publicados apenas em 1953 (Viana *et al.*, 1953b e 1953c).

<sup>64</sup> Ver nota 44.

**Documento n.º 13**

*Manuscrito em papel de carta timbrado dos  
Serviços Geológicos de Portugal de 31,4x19,8 cm*

1952/1953<sup>65</sup>

Meu caro Prof. Viana

Há-de ter estranhado de facto a minha falta de notícias, mas não tenho tido assento para lhe escrever nem tão pouco pegar em nada. O meu sôgro tem estado entre a vida e a morte com uma congestão seguida de outras complicações e tenho sido eu o seu enfermeiro. Tem sido como deve calcular uma série de complicações que me tem afastado de tudo incluindo o vir aos Serviços. Apresso-me hoje a sossegá-lo e a responder, portanto, às suas missivas.

Recebi as coisas que me enviou e tudo chegou em condições. O Doutor Zby e o Chefe<sup>66</sup> chegaram bem e apresentam-lhe os cumprimentos e agradecimentos pelo seu cuidado.

Quanto a Aljustrel<sup>67</sup> vou pôr mãos à obra de acordo com o nosso Zby. Sabe que temos muito mais coisas a acrescentar, como lindas "sigilatta" com marcas de oleiro bem nítidas, uma variedade formidável de bordos, fundos de vasilha, asas, um fragmento de uma fíbula de arco, moedas, um "discus" de uma lucerna, fragmentos de bordo de taça de vidro em relevo, um fragmento de "sigilatta" com ornamentação em relevo de parras e cachos de uvas, etc. Por outro lado o nosso colaborador no trabalho Eng.<sup>o</sup> Ruy Freire de Andrade vai-nos enviar a planta e cortes das minas com a representação dos montes romanos, o que é duma importância capital. Logo que despache os pectinídeos do Açores que estão prontos, e já revistos, faltando apenas escrever à máquina, trabalho esse que vou hoje encetar<sup>68</sup>. Vou fotografar o material que falta para Aljustrel, assim como desenhar o maior número de perfis dos vasos romanos. Vou-lhe enviar as marcas de oleiro para o amigo se pronunciar sobre elas ou se quiser pedir ao Bairrão Oleiro<sup>69</sup> a sua opinião pois que isso nos ajuda duma maneira absoluta na cronologia dos trabalhos romanos da Mina. Recebi também Fontalva<sup>70</sup>. Faltam ainda fotografias de material de dolmenes e romano. O Afonso do Paço deve vir aí hoje e vou-lhe entregar o manuscrito para ele o ler e dizer de sua justiça. Logo que possa farei as outras fotografias. Ando às voltas também com uma quantidade de coisas; dois relatórios para o Centro de Estudos<sup>71</sup> para serem apresentados à Junta<sup>72</sup>. Um sobre Tomar, outro sobre uma estação paleolítica na Ilha das Pombas (Peniche)<sup>73</sup>. Junto envio o meu relatório deste ano sobre a actividade no Centro de Estudos pedindo o favor de mo devolver logo que possa pois é a minha cópia. Este ano o

<sup>65</sup> A transcrição desta carta, a única que não é datada do conjunto publicado encontra-se justificada pelo seu interesse documental.

<sup>66</sup> Trata-se do Eng. A. de Castello-Branco.

<sup>67</sup> A investigação da região de Aljustrel por parte de O. da Veiga Ferreira, A. Viana e R. Freire de Andrade, teve duas vertentes dominantes: o estudo das sepulturas calcolíticas, representadas, sobretudo, pelo notável monumento do tipo *tbolos* do Monte do Outeiro (Viana *et al.*, 1961); e o estudo da presença romana, avultuando a caracterização das actividades mineiras (Viana, *et al.*, 1954, 1956) ou das respectivas necrópoles (Andrade *et al.*, 1957; Ferreira e Andrade, 1966).

<sup>68</sup> Trata-se do estudo intitulado "Os Pectinídeos do Miocénico da Ilha de Santa Maria (Açores)", publicado neste mesmo ano de 1952 (Ferreira, 1952).

<sup>69</sup> Dr. J. M. Bairrão Oleiro, arqueólogo especialista no Período Romano, tendo publicado em 1951 trabalho de síntese sobre tais cerâmicas (Oleiro, 1951) e, no ano seguinte, estudo tipológico das lucernas do Museu Machado de Castro, em Coimbra (Oleiro, 1952).

<sup>70</sup> Refere-se ao trabalho publicado anos depois, de carácter regional, integrando materiais arqueológicos de várias épocas (Paço *et al.*, 1957), na sequência de estudo publicado por O. da Veiga Ferreira apenas com A. do Paço, em 1951 (Ver nota 42).

<sup>71</sup> Trata-se do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, dirigido pelo Prof. A. A. Mendes Corrêa (Ver nota 30).

<sup>72</sup> Trata-se da Junta Nacional de Educação (ver nota 50).

<sup>73</sup> Não se encontraram outras referências a estas duas áreas de potencial interesse arqueológico.

Prof. Mendes Corrêa pediu-me o relatório mais cedo e por isso lho envio para que mande fazer o seu para o I.A.C.<sup>74</sup> estou de acordo (com) o que fizemos até esta data incluindo, já se vê, o que o Senhor Prof. fez depois. Não temos ainda resposta do nosso pedido ao I.A.C. para o trabalho de Monchique. Falei com o Dr. Athayde<sup>75</sup> que manda cumprimentos para si, dizendo-me que para o ano de qualquer forma se começa a publicar o trabalho; mesmo que a verba dada não chegue faz-se em duas etapas (em dinheiro, pois que o trabalho seria numa vez). Peço que perdoe o facto de ainda não pegar no desenho que me pediu para fazer mas isto tem-se complicado e eu não tenho tido tempo, nem paciência. Logo que isto acalme um pouco os farei seguidamente, esteja descansado. Logo que haja notícias lhas enviarei. Sabe que eu e o Dr. Zby desconfiamos dum pequeno castro eneolítico perto das necrópoles de Alcalar. Eu já havia encontrado na encosta de pequeno outeiro algumas peças arqueológicas dessa época, porém agora, quando lá estivemos eu levei o Zby a Alcalar, pois que ele ainda não conhecia, e foi-me dado um belo cilindro de calcário achado no topo desse outeiro onde eu sei nunca existiu qualquer monumento. Será uma coisa para sondarmos um dia que possamos lá ir<sup>76</sup>.

Bem até breve peço apresente cumprimentos aos seus com um abraço do sempre grato Amigo.

O. da Veiga Ferreira

#### Documento n.º 14

*Manuscrito em papel de carta timbrado dos  
Serviços Geológicos de Portugal de 31,4x19,8 cm*

Lisboa 10 de Janeiro 1953  
Meu caro Prof. e Amigo

Com os meus cumprimentos junto envio o trabalho de Aljustrel que foi revisto por mim pelo Zby e pelo Moitinho. Atenção às notas da margem e às metidas no texto. O Moitinho alterou algumas coisas do texto que o Sr. Prof. concertiza concordará<sup>77</sup>.

Eu acrescentei alguma coisa do ouro pois que o meu caro Prof. fala de outras minas e do ouro mas não diz nada sobre essas jazidas exploradas pelos Romanos principalmente em Portugal.

Pedia-lhe a fineza de fazer outra redacção para me enviar afim que o Carlos Teixeira dê também quando regressar do Norte uma vista de olhos. Sabe que ele trabalhou já muito em coisas de Arqueologia Mineira<sup>78</sup> (...). O trabalho de Fontalva<sup>79</sup> está há muito entregue ao Paço que ainda não o viu nem lho mandou. De Aljustrel não lhe posso mandar ainda as estampas porque falta o Zby ver.

<sup>74</sup> Instituto de Alta Cultura, ao tempo responsável pela promoção da investigação científica em Portugal, funcionando no âmbito do Ministério da Educação Nacional.

<sup>75</sup> Naturalista do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto e responsável pela edição dos "Trabalhos de Antropologia e Etnologia".

<sup>76</sup> A descoberta deste povoado pré-histórico, certamente relacionado com a necrópole de Alcalar, dada a sua proximidade, foi muito mais tarde publicado, de forma independente, por duas equipas de arqueólogos; a primazia da descoberta da estação, veio, infelizmente, a gerar desentendimentos entre ambas (Silva e Soares, 1976/77; Arnaud e Gamito, 1978). Vê-se, porém, pelo documento agora publicado que, muito antes, tinha já o local sido arqueologicamente identificado.

<sup>77</sup> Trata-se do importante artigo de Arqueologia Mineira intitulado "Minerações romanas de Aljustrel" (Viana *et al.*, 1954), publicado nas comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal.

<sup>78</sup> Ver nota 66. O Prof. C. Teixeira, Catedrático de Geologia e Paleontologia da Faculdade de Ciências de Lisboa, antigo discípulo do Prof. A. A. Mendes Corrêa, publicou importantes trabalhos de Arqueologia, dedicados a diversas culturas e materiais, do Norte de Portugal. Entre estes, figuram diversos sobre Arqueologia Mineira, aos quais O. da Veiga Ferreira aqui se reporta.

<sup>79</sup> Ver nota 70.

Desde já lhe peço que me envie se puder os negativos das de Cartagena porque tal qual estarão muito pequenos<sup>80</sup>. Os desenhos serão todos feitos pelo Mourão e devem ficar esplêndidos<sup>81</sup>.

Pedia-lhe também para colocar a bibliografia como vai indicado num exemplo no fim do trabalho.

O capítulo que tem um a X na margem talvez ficasse melhor no princípio do trabalho como nota explicativa do trabalho romano em geral. Seguir-se-ia depois o trabalho propriamente dito com as referências e alusões aos diversos trabalhos conhecidos como o meu caro Prof. fez<sup>82</sup>.

Acrescentei umas coisas que vieram de Aljustrel enviadas pelo Rui Freire de Andrade fazendo referência apenas às mais interessantes. Vidé a nota à margem escrita a lápis. Os lingotes foram medidos como pode ver no texto<sup>83</sup>.

Por hoje não o maço mais, desejo que o tempo melhore para o ver cá a trabalhar connosco peço apresente os meus cumprimentos a sua Exm.<sup>a</sup> Esposa e família com um abraço para si do sempre Amigo muito grato

Veiga Ferreira

P.S. - Nas coisas de Cartagena<sup>84</sup> vamos só reproduzir as que têm semelhança com as de Aljustrel.

Não se esqueça dos negativos para eu ampliar de modo a podermos reproduzi-los servindo de comparação com os nossos.

Peço o favor de me devolver novamente os negativos da mina de Santa Bárbara<sup>85</sup> para mandar fazer uma ampliações maiores. Eu em tempos enviei-lhos mas o Zby diz que a ampliação parece pequena demais.

Junto envio as provas directas para o seu arquivo.

Veiga Ferreira

#### Documento n.º 15

*Manuscrito em cartão timbrado dos*

*Serviços Geológicos de Portugal de 15, 7x9,6 cm*

16 - 1 - 953

Caro Prof. Viana

Saúde! Neste momento deve estar o Prof. Mendes Corrêa a fazer a barba ao grego na Junta<sup>86</sup>, com o seu relatório à vista. Depois lhe direi alguma coisa. Estive hoje com o Mário Cardozo<sup>87</sup> e

<sup>80</sup> Estes negativos não foram publicados no artigo citado na nota 76, mas num outro, mais desenvolvido, vindo a lume no Arquivo de Beja (Viana *et al.*, 1956), onde constituem a Est. VIII. Ver notas 67 e 77.

<sup>81</sup> Trata-se de José Mourão, já falecido, que durante décadas foi desenhador-chefe dos Serviços Geológicos de Portugal.

<sup>82</sup> Tal sugestão foi seguida; com efeito, do estudo de 1956 consta extenso capítulo preambular, introdutório das observações efectuadas em Aljustrel (Viana *et al.*, 1956).

<sup>83</sup> Tais medidas constam efectivamente das publicações de 1954 e de 1956.

<sup>84</sup> Trata-se de diversas peças de esparto, reproduzidas na Est. VIII do estudo de 1956 (ver nota 80).

<sup>85</sup> Trata-se de desenho constante do artigo de 1956, certamente feito sobre a foto referida (*op. cit.*, Fig. 7).

<sup>86</sup> Trata-se da Junta Nacional de Educação (Ver nota 50).

<sup>87</sup> Coronel Mário Cardozo (1889-1982), então considerado o decano dos arqueólogos portugueses; notabilizou-se pelos estudos sobre a cultura castreja e joalheria primitiva; exerceu, durante cerca de 40 anos, a presidência da Sociedade Martins Sarmento, sediada em Guimarães, onde desenvolveu notável actividade no âmbito da investigação e divulgação do património histórico e arqueológico regional (Ver Cardozo, 1994).

Dom António<sup>88</sup> e disse-lhes para apoiarem com força o nosso paladino da liberdade arqueológica. Agradeço a sua ara de Apolo<sup>89</sup> e creio que o Grego<sup>90</sup> deveria ter tido uma explosão de *bilis*.

Quanto ao que me pergunta tudo vai bem. As coisas do Congresso já saíram no volume e muito bem<sup>91</sup>. Espero a todo o momento as separatas. Tudo o resto vai sair agora este ano.

Ainda tenho eu meu poder 4 desenhos das cerâmicas que logo rectificarei. Recebeu os outros? Não me acusou a recepção. Não lhe mando os do Oleiro<sup>92</sup> porque vou fazer as cópias. Envio-lhe mais umas provas que são as últimas. Diga-me se faltam algumas para eu pedir à tipografia.

Bem, meu caro *Paleoanthropus bejensis*<sup>93</sup>, espero agora as suas notícias e dar-lhe-ei em breve notícias também, do que se está a passar hoje na Junta<sup>94</sup>.

Um abraço do seu sempre Amigo e discípulo

Veiga Ferreira

#### Documento n.º 16

*Manuscrito em folha timbrada lisa do*

*Instituto de Antropologia da Universidade do*

*Porto de 21,0x27,2 cm*

Lisboa 6 de Março de 1953  
Meu Caro Professor Abel Viana

A sua saúde em primeiro lugar assim como a dos seus. Estive hoje na Associação para o Progresso das Ciências no Instituto da Alta Cultura a ver as nossas comunicações e infelizmente tenho muito más notícias a dar-lhe. Imagine que *aquelas inteligências* que presidem à publicação dos trabalhos<sup>95</sup> decretaram, pura e simplesmente, que só pagariam duas páginas de gravuras as outras serão pagas pelos autores. Está a ver já a impossibilidade do Amigo publicar o seu trabalho de Elvas<sup>96</sup> e o nosso de Monchique<sup>97</sup>.

Eu decidi retirar os nossos trabalhos e mandá-los para Espanha pois pelo visto em Portugal isto vai mal a pior. Estamos caminhando assustadoramente para o caos intelectual. A partir deste momento não publicarei mais nada em Portugal a não ser notas sem importância. Estive a fazer as contas e as gravuras que teríamos que pagar atingiriam a ordem dos contos de reis.

Não sei o que o mestre decidirá, eu já tenho no meu poder os desenhos e fotos de Monchique. Não trouxe o seu de Elvas sem a sua ordem. Sobre o capacete céltico deixei-o estar mas todas as gravuras sairão muito reduzidas<sup>98</sup>. Estou absolutamente desolado com isto tudo e acentua-se o que mais duma vez lhe tenho dito. A falta de pessoas competentes e que tenham consciência absoluta do que sejam comunicações científicas dá este resultado. Eu não consinto que publiquem o nosso

<sup>88</sup> Eng. António de Castello-Branco (Ver nota 21).

<sup>89</sup> Desconhece-se qualquer estudo respeitante a este monumento epigráfico.

<sup>90</sup> Prof. Manuel Heleno, humoristicamente designado por "Grego".

<sup>91</sup> Trata-se de duas das comunicações apresentadas ao XIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências (Viana *et al.*, 1953b, 1953c).

<sup>92</sup> Ver nota 69.

<sup>93</sup> Ironia amigável derivada da área de residência (em Beja) de A. Viana.

<sup>94</sup> Ver nota 86.

<sup>95</sup> Trata-se de comunicações apresentadas ao XIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências que ainda não tinham sido impressas (ver nota 91).

<sup>96</sup> O qual, porém, viria a publicar-se nas respectivas actas (Viana e Deus, 1953).

<sup>97</sup> Trata-se do artigo "Estudos arqueológicos nas Caldas de Monchique – Investigações de 1948-1949", publicado no vol. VIII do referido Congresso (Viana *et al.*, 1953b). Ver nota 91.

<sup>98</sup> Publicado no vol. VIII do referido Congresso (Viana *et al.*, 1953c). Ver nota 91.

trabalho de Monchique truncado, por isso penso mandá-lo ao nosso Amigo Maluquer de Motes ou a quem o Amigo entender<sup>99</sup>.

Aguardo a sua resposta rápida para poder actuar. Ultimamente só tenho tido arrelias com a Arqueologia e parece-me que a vou deixar de vez, sem contudo, deixar de fazer uma pequena nota sobre este estado de coisas em Portugal. Talvez depois me chamem *comunista*, aliás é já uso quando alguém aponta erros a outros ser considerado como tal<sup>100</sup>.

Custa-me imenso maçá-lo com estas notícias creia, mas o Mestre tem de estar ao facto de tudo quanto se relaciona com a sua velha e imorredoura actividade científica<sup>101</sup>.

Desculpe pois, peço apresente cumprimentos aos seus com um abraço do seu muito Amigo

Veiga Ferreira

**Documento n.º 17**

*Manuscrito em folha timbrada lisa do  
Instituto de Antropologia da Universidade do  
Porto de 13,5x21,0 cm*

Lisboa 13/4/953

Meu Caro Prof. Viana

Saúde! Vou partir amanhã para Muge na companhia do Sr. Padre Roche para encetarmos as escavações que se prolongarão por um mês.

Deixei todas as indicações à Senhora da Associação do Progresso das Ciências para se pôr em contacto consigo e enviar-lhe as provas do nosso artigo de Monchique<sup>102</sup>. Pode enviar-lhe o seu trabalho de Elvas<sup>103</sup>. O nome dela é D. Silva Cunha Associação do Progresso das Ciências Praça do Príncipe Real 14 – 2.º Lisboa. Ela vai escrever-lhe com certeza.

Não venha pois por este mês a Lisboa porque o Dr. Zby e eu estamos fora e o Amigo não poderia trabalhar connosco.

Quanto aos outros nossos trabalhos eu concordo inteiramente com tudo. O Mestre fará o que entender e como achar melhor.

Vou-lhe escrever de Muge para lhe dizer como aquilo vai lá e se por acaso puder lá dar uma saltada depois de encetarmos as escavações seria óptimo. Estou certo que o Padre Roche ficaria satisfeito com a sua visita.

Por hoje nada mais logo que chegue a Muge lhe escreverei.

Peço apresente cumprimentos aos seus, cumprimentos para si do Padre Roche e dos seus amigos daqui com um abraço do seu discípulo muito amigo

Veiga Ferreira

P.S. Recebi agradeço e li o seu belo trabalho sobre Balsa<sup>104</sup>. Assim é que se faz para depenar os *penetas* e *imbecis* que têm a mania da *casta do curso superior*. Para a frente Mestre e sem parar. Eu farei o que puder dentro das minhas fracas posses.

Com um abraço e obrigado

V. Ferreira

<sup>99</sup> A publicação destes três estudos acabou por verificar-se nas actas do Congresso.

<sup>100</sup> Relembre-se o facto de O. da Veiga Ferreira ter assinado, em 1945 as listas do MUD, o que lhe valeu o congelamento da entrada nos quadros da Função Pública durante 16 anos (apenas verificada em 1962) e a respectiva impossibilidade de progressão na carreira.

<sup>101</sup> Expressão de exarcebada afectividade, tão característica da personalidade de O. da Veiga Ferreira.

<sup>102</sup> Ver nota 98.

<sup>103</sup> Ver nota 96.

<sup>104</sup> Trata-se do estudo "Balsa y las necropolis romana de As Pedras d'El Rey" (Viana, 1952).



**Documento n.º 18**

*Manuscrito em folha timbrada lisa do  
Instituto de Antropologia da Universidade do  
Porto cortada ao meio de 13,5x14,3 cm*

Muge 17/4/953  
Meu Caro Prof. Viana

Saúde! Cá estou em Muge em casa da Senhora Marquesa<sup>105</sup> com o nosso amigo Abbé Roche. As escavações vão bem e já hoje encontramos outro esqueleto infelizmente muito amachucado<sup>106</sup>. O Abbé Roche tem estado com um ataque de reumatismo que não se tem podido mexer.

Cá o esperamos para visitar as escavações e palestrarmos um bocado. Como sabe tanto eu como o Abbé Roche temos o maior prazer na visita de um *velho da Arqueologia* (não é na idade, bem entendido). Quanto ao seu assunto esteja tranquilo que eu deixei todas as instruções no Serviço para que o seu trabalho seja entregue na Associação para o Progresso da Ciências<sup>107</sup>.

Estou satisfeito com o trabalho e com os nomes que ponho aos esqueletos<sup>108</sup>. Depois lhe direi é a razão de eu ter cortado um pouco da folha é que tinha escrito o nome dum, não vá o diabo tecê-las e isto ir por engano parar a outro lado.

O Mestre vai-se partir de rir quando souber.(...).

Cumprimentos para si do Abbé Roche e um abraço do seu sempre Amigo

Veiga Ferreira

En attendant d'avoir le plaisir de vous revoir (à Muge) je vous envoie toutes mes amitiés bien cordiales

J. Roche

**Documento n.º 19**

*Manuscrito em cartão timbrado dos  
Serviços Geológicos de Portugal de  
15,7x9,6 cm*

Lisboa 19/6/953  
Meu Caro Prof. Viana

Saúde! Cá estou de volta de Muge onde o Mestre não apareceu. Paciência, para o ano não faltará. O tempo esteve péssimo para si e eu também não insisti logo que me escreveu por isso. *Peço agora dê atenção ao que lhe vou dizer.* Vai haver uma reunião de Arqueólogos Portugueses e Espanhóis no Porto por isso o Prof. Mendes Corrêa pede ao Amigo para se meter no combóio e vir estar aqui connosco a Lisboa para se combinarem várias coisas. *As despesas que o Mestre fizer serão pagas pelo Centro*<sup>109</sup> a que o amigo também pertence como colaborador eventual, como sabe. Portanto atenção venha quanto antes pois isto não deve arrefecer.

<sup>105</sup> D. Olga Álvares Pereira de Mello (Cadaval), que, no seu vasto domínio de Muge, albergava O. da Veiga Ferreira e J. Roche, enquanto procediam às escavações no concheiro de Moita do Sebastião e, ulteriormente, nos restantes.

<sup>106</sup> Trata-se de um dos esqueletos exumados no concheiro de Moita do Sebastião, cujo espólio antropológico foi estudado por Ferembach (1974).

<sup>107</sup> Provavelmente é o estudo referido nas notas 96 e 103.

<sup>108</sup> Todos os esqueletos eram "baptizados" com um nome próprio, por O. da Veiga Ferreira, imediatamente após a descoberta. Ver nota 106.

<sup>109</sup> Trata-se do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular. Ver nota 30.

Diga-me em que combóio chega para o esperar. Depois trataremos aqui das nossas coisas todas. O Abade Roche ainda cá está e ficará muito contente de o ver.

Por hoje paro pois vou fazer a fotografia de dois *hidrocéfalos* de Muge. Imagine a raridade da coisa no Mundo<sup>110</sup>.

Seu discípulo muito amigo

Veiga Ferreira

**Documento n.º 20**

*Manuscrito em cartão timbrado dos  
Serviços Geológicos de Portugal de  
15,7x9,6 cm*

Lisboa 22/Junho/953

Meu Caro Prof. Viana

Recebi mesmo agora sua carta. Pode ficar aí em Vila Fernando<sup>111</sup> até ao fim da semana e regressar directamente a Lisboa 2.<sup>a</sup> ou 3.<sup>a</sup> feira pois que há tempo. Avise-me para minha casa quando chega para o ir esperar e combinar depois com o Prof. Mendes Corrêa onde nos devemos encontrar. Quanto a Conimbriga e mesmo tudo quanto se refere à nossa investigação o mal é de raiz meu caro Mestre, de raiz! Não é esta instituição ou aquela, este Centro ou aquele, esta Universidade ou aquela! é o Estado meu amigo. *Garrafas vazias com rotulos vistosos!* e mais nada. O Mestre sabe bem o que penso disto tudo. Agora estranho o Amigo censurando, no fundo, os Seus Amigos! Ainda hei-de ver coisas mais lindas. Bem deixemos as misérias peço dê cumprimentos ao Dias de Deus<sup>112</sup> que ainda não tive o prazer de conhecer pessoalmente. *Não se esqueçam de mandar um relatório de todas as vossas descobertas ao Prof. Mendes Corrêa por causa da Junta*<sup>113</sup>. *Olhem o grego ele é (...) mas é maroto*<sup>114</sup>. Bem, Adeus um abraço do seu discípulo muito Amigo

V. Ferreira

**Documento n.º 21**

*Manuscrito em folha timbrada lisa do  
Instituto de Antropologia da Universidade do Porto  
de 13,4x21,9 cm*

Lisboa 31/7/953

Meu Caro Prof.

Junto envio conforme há tempos combinámos as 2.<sup>a</sup> provas duma parte do trabalho grande<sup>115</sup>. As provas de gravuras em "couché" foram vistas pelo Prof. Mendes Corrêa e por mim e já estão a

<sup>110</sup> Na verdade, não se trata de hidrocefalia, caracter não referido por Ferembach (1974).

<sup>111</sup> Trata-se da região onde A. Viana, conjuntamente com A. Dias de Deus vinha desenvolvendo, de forma sistemática, estudos arqueológicos, envolvendo monumentos dolmênicos, necrópoles da Idade do Ferro e do Período Romano, além de *villae*.

<sup>112</sup> A. Dias de Deus era então funcionário na Colónia Penal de Vila Fernando; falecido em 1955, dedicou-se ao salvamento de importantes estações arqueológicas daquela região, com especial destaque para diversas necrópoles da II Idade do Ferro e do Período Romano, além dos notáveis mosaicos da *Villa* romana de Carrão.

<sup>113</sup> Ver nota 50.

<sup>114</sup> Ver nota 49. Sobre os dissabores sofridos por A. Dias de Deus e, indirectamente, por A. Viana, ver Viana (1956b).

<sup>115</sup> Ver nota 36.

imprimir definitivamente. Ficaram todas ótimas. Junto envio também todas as gravuras do texto onde há uma que é a 3.ª vez que vai a fazer pois os tipos não há meio de a reduzirem a 1/4.

Pedia-lhe a fineza de ver tudo com cuidado pois que pode ter escapado alguma coisa nas primeiras provas e além disso deixo ao *seu cuidado a entrada das gravuras no texto*. Eu já intercalei algumas como pode ver mas se for preciso alterar, altere. Vou-lhe mandar também ou hoje ou amanhã a 1.ª massa que dispendeu. Devo recebê-la hoje do Prof. Manuel Corrêa<sup>116</sup>. Pedia-lhe no entanto que me mandasse um recibo selado da sua primeira viagem assim como da estadia do Porto. Peço-lhe também para não enviar as provas directamente ao Porto mas sim para mim para eu ver como o Mestre organiza a coisa, além de que sou obrigado a escrever ao gerente da tipografia para recomendar a gravura.

Escrevi-lhe ontem um cartão onde dizia das separatas e doutras coisas depois me dirá.

Estimo que tenha chegado bem e que tenha descansado pois eu vi-o muito cansado no Porto. Tome cuidado olhe que não só faz falta aos seus como a todos nós. Descanse agora o mais que possa, deixe-se de grandes passeatas e arqueologias no Verão. Descanse!

Bem, espero as suas ordens e as provas que não demorem. Peço apresente cumprimentos aos seus com um abraço para si do velho discípulo muito Amigo

Veiga Ferreira

#### Documento n.º 22

*Manuscrito em folha timbrada lisa do  
Instituto de Antropologia da Universidade do  
Porto de 13,4x21,0 cm*

Lisboa 4 de Agosto 1953

Meu Caro Prof.

Oxalá continue bem de saúde e aproveite para descansar o mais que possa. Cá li as suas duas cartas em que o Amigo descarrega à vontade as suas cutiladas do Português. Estou de acordo consigo mas lembre-se que muitas coisas foram vistas pelo Prof. Mendes Corrêa e portanto a culpa não é só minha.

Aliás isto não tem grande importância, são maneiras de dizer e não coisas mal ditas. Demais devo-lhe dizer que nunca tive a pretensão de ser escritor, ou *prosador aquilínico* ou doutro tipo qualquer. Estudo apenas o que posso e traduzo como sei o meu pensamento ou por outra as observações que faço sem, como disse, qualquer pretensão<sup>117</sup>.

Tenho lido alguma coisa desses célebres escritores clássicos. É certo não tanto como o Mestre porque sou mais novo e não tenho por vezes tempo mas se já reparou em minha casa tenho algumas velhas obras e que não estão na estante para vista.

Mas tudo isto são tretas e música celestial, eu acho que o Mestre tem toda a razão e tanto assim que tem sido sempre quem faz a prosa e continuará (...) enquanto quiser (...) colaborar com o seu modesto discípulo. Peço pois não se zangue comigo (...).

Estou apoquentado por causa da sua massa e a dos outros incluindo a que eu gastei. O Prof. M.C. partiu para Timor e não deixou as coisas resolvidas. Vou ver se falo com o Reitor da Universidade para se regularizar a questão<sup>118</sup>.

Quando vierem mais provas lhas enviarei. Peço me desculpe e creia sempre no seu sempre e devotado Amigo que o abraça

Veiga Ferreira

<sup>116</sup> O. da Veiga Ferreira tinha contacto assíduo com o Prof. Mendes Corrêa, em Lisboa, onde desempenhava as funções de seu secretário pessoal. Vê-se que era pessoa da sua inteira confiança, cabendo-lhe, mesmo, responsabilidades de gestão financeira no âmbito das actividades do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular.

<sup>117</sup> O estilo pouco cuidado, do ponto de vista literário, de O. da Veiga Ferreira, era compensado pela elevada clareza e objectividade da exposição. Tal resulta, sem dúvida, da sua formação científica.

<sup>118</sup> O Prof. Mendes Corrêa realizou nesse ano prolongada missão em Timor.

**Documento n.º 23**

*Manuscrito em cartão timbrado dos  
Serviços Geológicos de Portugal de  
15,7x9,6 cm*

Lisboa 17/9/53  
Meu Caro Prof. Viana

Saúde! Não sei como consigo estar vivo depois de esta estirada no terreno! Fiz cerca de 1500 quilómetros de automóvel, escalei todas as arribas de Peninche, Baleal S. Pedro de Muel, estive 20 horas seguidas na gruta de Mira d'Aire onde tive de descer e subir poços e rampas de 30 metros, etc. Estou todo arranhado cheio de nódoas negras, enfim, cansado. Agora parece-me que vou estar uns dias no gabinete a repousar<sup>119</sup>. Mande o orçamento de 300 separatas ao Doutor José de Sousa, do Algarve. Espero a resposta. Estou à espera de novas provas. Recebi o seu trabalho de Odivelas<sup>120</sup> o que muito agradeço. O Prof. Mendes Corrêa ainda não regressou. As novas provas vou enviá-las para Beja. Mande-me o mais que puder do trabalho de Aljezur<sup>121</sup> porque eu faço a distribuição por aqui. Mande-mos assinados.

Espero estar consigo ainda este ano no campo talvez o mês que vem. O Zby descobriu uma mamôa em Aljustrel<sup>122</sup> e quer que nós dois a exploremos. Está a ver a importância da coisa jazigos de cobre – Cultura de Almeria<sup>123</sup>. Bom, Mestre, vou despachar outras pesquisas, até à vista um abraço do sempre Amigo

V. Ferreira

**Documento n.º 24**

*Manuscrito em folha timbrada lisa dos  
Serviços Geológicos de Portugal de  
21,4x27,4 cm*

Lisboa 16/2/954  
Meu caro Prof. Viana

Saúde! Creio que o tempo vai a melhorar e que o frio vai desaparecer para seu bem. Tenho em meu poder as separatas dos artigos do Congresso Luso-Espanhol que não ficaram nada más<sup>124</sup>. Vou-lhe enviar 20 de cada mas penso que não será necessário a distribuição delas e que será melhor guardá-las para o futuro, pois que, a maior parte das pessoas a quem enviaríamos o trabalho receberam o volume. Sabe que eu aqui luto sempre com certa dificuldade pois durante o ano vêm ao Museu muitos estrangeiros que se interessam por assuntos de Arqueologia de sorte que eu não distribuirei nenhuma das que aqui tenho. Ainda não mandei as separatas ao Dr. Formosinho e não lhe vou mandar, espero que ele venha a Lisboa e como tem o automóvel leva tudo de uma vez. Recebi

<sup>119</sup> Reconhecimentos geológicos no âmbito da preparação da folha de Peniche, na escala de 1/50000, publicada em 1960. A estadia na gruta de Mira de Aire revela outro pendor da sua actividade: o gosto pela Espeleologia, expresso por relevante acção desenvolvida no âmbito da Sociedade Portuguesa de Espeleologia (SPE).

<sup>120</sup> Ver nota 58.

<sup>121</sup> Ver nota 4.

<sup>122</sup> O Doutor G. Zbyszewski procedia, na altura, a levantamentos geológicos na região de Aljustrel, que vieram ulteriormente a ser publicados. Este ilustre Geólogo e Arqueólogo é co-autor de síntese sobre os monumentos megalíticos do Baixo Alentejo (Viana *et al.*, 1959).

<sup>123</sup> Ver notas 39 e 41.

<sup>124</sup> Ver nota 91.

o trabalho do cobre que ficou bom<sup>125</sup>. O Mestre deu-lhe um tom magnífico de simplicidade mas ao mesmo tempo concludente e penso que os nossos amigos espanhóis não tocarão no assunto pois que segundo penso, eles não pescam nada de minero-metalurgia nem de minas. Se concorda vou retirar os desenhos das peças e vou substituí-los por outras estampas com fotografias das peças mais analisadas: as do nosso Museu aqui e as do Castro da Vila de S. Pedro que o Afonso do Paço<sup>126</sup> me cederá. No texto vem os dois mapas que são diferentes. Um demonstra a distribuição das massas de minério, o outro a distribuição de culturas. O Zby vai pôr tudo em Francês.

Vá pensando na deslocação a Aljustrel em Março *O Ruy Freire d'Andrade encontrou um cemitério romano perto das minas* e segundo as minhas indicações explorou duas sepulturas com cuidado e encontrou lindos objectos. Depois da campanha que lá vamos fazer penso que podemos fazer uma nota sobre as "Antiguidades de Aljustrel", que pensa disto<sup>127</sup> Recebi um trabalho dum tal Moreira de Figueiredo<sup>128</sup> que me parece "Acciolesco"<sup>129</sup> pelo menos a lápide da Lousã, *a minha Deusa*, vem toda truncada<sup>130</sup>. E o reconhecimento da via romana feito pela *guarda republicana*? E o Aquilino no prefácio a dizer que as orcas e dolmens eram habitação e metiam por cima uns dos outros uma freguesia inteira?!?! Aquele Aquilino<sup>131</sup> tem cada uma!

Ainda não fiz os desenhos do Oleiro<sup>132</sup> por causa de falta de sol. Tenho também comigo ainda 4 desenhos de Elvas<sup>133</sup> que logo os enviarei. Não sei também se vou ao Congresso pelo Serviço. A proposta está feita aguardo com todo o interesse o que diz o *Ministro*<sup>134</sup>.

As coisas que mandou para as "Comunicações" vão saindo à medida que saiam mais volumes. Para já vai o trabalho de Aljustrel e o Paleolítico do Guadiana<sup>135</sup>. Adeus Mestre e Amigo até breve. Um abraço do

Veiga Ferreira

<sup>125</sup> Trata-se de comunicação apresentada nesse ano ao IV Congreso Internacional de Ciências Prehistoricas y Protohistoricas, reunido em Madrid (Viana e Ferreira, 1956). Ver nota 39.

<sup>126</sup> Tenente-Coronel Afonso do Paço (1895-1968), que se notabilizou, sobretudo, pelas explorações que dirigiu, primeiro com E. Jalhay e, depois da morte deste, sózinho, no povoado fortificado pré-histórico da Vila Nova de São Pedro (Azambuja). Após o seu falecimento, O. da Veiga Ferreira apresentou às I Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses, de que foi Vice-Presidente, notícia bio-bibliográfica desenvolvida (Ferreira, 1970).

<sup>127</sup> O estudo preliminar desta necrópole foi apresentado ao 23.º Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, reunido em Coimbra em 1956 (Andrade *et al.*, 1957). Ver nota 67. A respectiva planta publicou-se ulteriormente (Ferreira e Andrade, 1966).

<sup>128</sup> Trata-se de Cristóvão Moreira de Figueiredo, que, em sucessivos números da revista "Beira Alta" publicou estudo sobre a rede viária romana das Beiras (Figueiredo, 1952/53).

<sup>129</sup> Expressão jocosa evocativa de obra polémica no domínio da Geologia do Eng.º Luiz de Menezes Acciaiuoli.

<sup>130</sup> Publicado sob o título "A ara votiva da Lousã" (Ferreira, 1952).

<sup>131</sup> Trata-se do escritor Aquilino Ribeiro, que prefaciou a referida obra.

<sup>132</sup> Dr. J. M. Bairrão Oleiro (ver nota 69).

<sup>133</sup> Trata-se da colaboração gráfica prestada por O. da Veiga Ferreira a Abel Viana, e utilizada por este na ilustração de diversos artigos seus, da região elvense em co-autoria com A. Dias de Deus.

<sup>134</sup> Ver nota 125.

<sup>135</sup> O trabalho sobre as minerações romanas de Aljustrel foi publicado nesse mesmo ano (Viana *et al.*, 1954, cf. nota 77). O segundo, de A. Viana, sobre o Paleolítico do Guadiana, jamais foi publicado nas "Comunicações".

**Documento n.º 25***Manuscrito em folha lisa de 15x21,1 cm*Lisboa 8 de março de 1954  
Meu Caro Mestre

Cá recebi a sua volumosa correspondência. Fiquei bastante triste por saber estar o Mestre na disposição de não ir a Madrid<sup>136</sup>. Desta vez parece-me que vou com o D. António<sup>137</sup> e Zby na missão dos Serviços, pelos menos o Director-Geral já autorizou e penso que o Ministro não dirá que não, de sorte que gostaria imenso de dar consigo por lá. Paciência, outra vez será, mas tenho a impressão que pela minha parte não será fácil.

Passo agora a responder ao seu questionário:

1.º – o Camarate França<sup>138</sup> está ótimo e mora na Estrada de Benfica n.º 500 – Lisboa.

2.º – o trabalho do cobre<sup>139</sup> está em poder do Zby para o verter para francês legítimo.

3.º – Vou mandar as coisas ao Formosinho apenas logo que haja tempo pois o Congresso<sup>140</sup> agora não nos deixa parar. Eu apresento mais dois trabalhos, um sobre a *fauna malacológica, crustáceos e peixes de Muge*<sup>141</sup> que me tira todo o tempo e estou a fazê-lo em francês, assim como um resumo do trabalho com o Leonel Trindade sobre uma necrópole eneolítica de Torres Vedras<sup>142</sup>.

4.º – Pode dizer ao Dr. Sousa Oliveira que peça o livro do Zby para o Instituto de Alta Cultura, só lá é que ainda existem exemplares<sup>143</sup>.

5.º – O trabalho de Fontalva continua engasgado no Afonso do Paço. Já lhe disse que o publicássemos mesmo assim sem as ultteriores colheitas do Rui d'Andrade, mas ele teimou em ir a Fontalva com ele e estudar o resto que o Dr. Rui d'Andrade prometeu mandar aos Serviços Geológicos<sup>144</sup>.

6.º – Pode preparar o novo trabalho sobre as Campanhas de 1948 e 1949, pois o que saiu no Congresso é muito pobre no que respeita a documentação. Mande-me todos os desenhos e gravuras para se organizarem aqui. O Prof. M. Corrêa publica-o no Centro<sup>145</sup>.

7.º – Escrevi no Sábado ao Doutor José de Sousa<sup>146</sup> para saber notícias do nosso trabalho. O Mestre sabe como são os algarvios, mesmos os inteligentes e cultos como é o caso do nosso Amigo José de Sousa.

8.º – O Senhor Eng.º. Dom António vai ver o que tem e o que lhe falta e depois manda-lhe dizer.

9.º – Sobre a questão do castro de Ponte de Lima eu creio ser alguma daquelas ruínas que coroam como sabe quase todos os montes. Uma coisa da Idade de Ferro ou Ferro-romano. Não falei

<sup>136</sup> Trata-se do IV Congresso Internacional de Ciências Prehistoricas y Protohistoricas reunido nesse ano em Madrid. (nota 125).

<sup>137</sup> Eng. António de Castello-Branco, Director dos Serviços Geológicos. Ver nota 21.

<sup>138</sup> Dr. José Camarate França. Ver nota 26.

<sup>139</sup> Ver nota 125.

<sup>140</sup> Ver nota 136.

<sup>141</sup> Trata-se do estudo dos restos arqueozoológicos (conchas, crustáceos e peixes) recolhidos nas escavações do concheiro da Moita do Sebastião (Ferreira, 1956).

<sup>142</sup> Trata-se da necrópole pré-histórica do Cabeço da Arruda publicada neste mesmo ano na revista *Zephyrus* (Ferreira e Trindade, 1954).

<sup>143</sup> Trata-se certamente da obra de síntese publicada no Boletim da Sociedade Geológica de Portugal, vol. 2 (2/3), p. 3-111 (1943) e editada nesse mesmo ano, em livro, pelo Instituto de Alta Cultura (Zbyszewski, 1943).

<sup>144</sup> Trata-se do segundo estudo arqueológico dedicado à região de Fontalva (Paço *et al.*, 1957); ver notas 42, 70 e 79.

<sup>145</sup> Trata-se de artigo publicado nos *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* (Viana *et al.*, 1954).

<sup>146</sup> Responsável pela impressão dos *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*.

ainda a esse respeito com o Prof. M. Corrêa. Espero as suas notícias e desejo grande coragem para Madrid<sup>147</sup>. Cumprimentos aos seus com um abraço para si do velho e sempre Amigo

Veiga Ferreira

**Documento n.º 26**

*Manuscrito em cartão timbrado dos  
Serviços Geológicos de Portugal de  
15,0x9,7 cm*

Muge 24/5/954

Meu Caro Tio Abel

Cheguei bem de Espanha e após dois dias de preparativos partimos imediatamente para Muge, onde já pusemos a descoberto quatro miseráveis<sup>148</sup>. *Prepare-se para vir aqui a partir de 2.ª. feira próxima*. Traga a sua máquina. Veja os *horários dos combóios de maneira a chegar cedo e partir no último comboio*. Mande dizer a hora que deve chegar para o ir esperar à estação com a charrete. Desculpe a ausência de notícias, só lhe escrevo agora depois de o poder receber aqui. Vai ver algumas coisas interessantes incluindo os terraços com indústrias e os outros “concheiros”. *Calma hombre* porque agora vai ver os concheiros e um deles em exploração.

Até breve, às suas notícias, um abraço do sempre Amigo

Veiga

J'espère que vous nous ferez le plaisir de venir visiter les fouilles de Muge – Bien cordialement  
– J. Roche.

**Documento n.º 27**

*Manuscrito em folha lisa de 15,7x21,1 cm*

Lisboa 6 Dezembro 1954

Meu Caro Prof. e Amigo

Saúde! Como sempre em atraso respondo ao seu último postal que fez o favor de me escrever. Junto envio os 4 livros pedidos pois tenho ainda 12 e não vão fazer falta. Quanto aos nossos trabalhos está tudo a andar com a excepção da Fontalva que o Afonso do Paço não há maneira de me devolver<sup>149</sup>. Pedia-lhe para que apertasse com ele escrevendo-lhe dizendo que eu estou um pouco aborrecido com o caso e se ele depois vai decidir-se. Quanto à sua massa de Muge<sup>150</sup> não está esquecida (...).

No ano que vem projecto trabalhar consigo em várias coisas. Vamos ver se tudo corre como eu quero e como me têm prometido. Pois teremos algumas coisas muito interessantes a fazer. Aqui perto de Lisboa sem contar com Aljustel<sup>151</sup> que esta Primavera se fará dê lá por onde der.

Estou a preparar as coisas para explorarmos uma gruta perto de Lisboa num sitio lindo chamado Lousa<sup>152</sup>. Aí um dos geólogos da Espeleologia descobriu já só com entulhos peças de sílex,

<sup>147</sup> Ver nota 136.

<sup>148</sup> Trata-se da escavação do concheiro de Moita do Sebastião.

<sup>149</sup> Ver notas 42, 70, 79 e 144.

<sup>150</sup> Trata-se do reembolso das despesas efectuadas na visita a Muge mencionada no Documento 26.

<sup>151</sup> Refere-se à escavação da necrópole romana ali descoberta por R. Freire de Andrade. Ver notas 67 e 127.

<sup>152</sup> Trata-se de uma das várias grutas daquele vale do concelho de Loures, abertas em cornijas de calcários do Cretácico Inferior, exploradas ou sondadas por O. da Veiga Ferreira, com a colaboração de elementos da Sociedade Portuguesa de Espeleologia, a que também pertencia (ver nota 119).

cerâmica e ossos humanos. Em Tomar, onde aliaremos o nosso Camarate França temos um abrigo que promete pois eu já retirei um esqueleto que estava quase à superfície<sup>153</sup>. Oxalá o Prof. Mendes Corrêa consiga dinheiro. Por outro lado, se vier a verba para o Serviço para escavações, o Sr. Dom António poderá dispôr de alguns cobres para nós. Sabe bem que ele o estima muito e a mim também, de sorte que a coisa parece estar encaminhada. Enfim, tenho esperança que este ano se Deus nos der saúde vamos voltar a trabalhar juntos no terreno<sup>154</sup>.

Escrevi uma longa carta ao nosso Doutor Formosinho enviando-lhe algumas notas mas ainda não recebi resposta.

Peço mande ao Prof. M. Corrêa a cópia do seu relatório para o I. A. C. Eu já fiz o meu baseado nos elementos do ano passado no que diz respeito à colaboração consigo<sup>155</sup>.

Bem, até breve, estou cheio de trabalho, Mestre. Não sei para onde me devo voltar. Imagine que tenho mais de 30 trabalhos para pôr cá fora em breve, junte-lhe os levantamentos de cartas e os meus exames na Faculdade de Letras<sup>156</sup> e calculará o meu tempo. Adeus, Mestre amigo um abraço do

Veiga Ferreira

#### Documento n.º 28

*Manuscrito em cartão timbrado dos  
Serviços Geológicos de 15,0x9,7 cm*

14/5/1955

Meu caro Prof. Viana

Saúde! A morte do nosso querido colega e Amigo Dias de Deus<sup>157</sup> surpreendeu todos dolorosamente. Na realidade ninguém pensava que isso sucedesse tão breve. Ainda parece estar a vê-lo tão contente em Madrid por ocasião do último Congresso. A vida, porém, é assim (...). Na Associação dos Arqueólogos prestámos a devida, embora singela homenagem ao nosso bom Dias de Deus. Pede-me o Prof. Mendes Corrêa para que o amigo me arranje uma fotografia dele e as notas que puder sobre a sua vida e trabalhos para ele – Prof. Mendes Corrêa – fazer a notícia necrológica no próximo tomo dos *Trabalhos da Sociedade de Antropologia*<sup>158</sup>. Tenho andando mandrião para lhe escrever mas cada vez o trabalho e as maçadas de outras espécies aumentam mais. Espero me avise da sua vinda a Lisboa para eu estar consigo. Peço-lhe não esqueça também a conferência da Sociedade de Geografia sobre a Pré-história do Algarve<sup>159</sup>. Agradece as suas notícias o seu sempre Amigo e discípulo

Veiga

<sup>153</sup> O. da Veiga Ferreira não parece ter publicado coisa alguma sobre esta estação.

<sup>154</sup> As dificuldades financeiras, decorrentes, em grande parte, da alocação de verbas a outras áreas, consideradas prioritárias, no âmbito da actividade dos Serviços Geológicos de Portugal, foram sempre uma constante para O. da Veiga Ferreira, que as ultrapassava como podia, especialmente através do apoio prestado pelo Prof. A. A. Mendes Corrêa através do Instituto de Alta Cultura/Centro de Estudos de Etnologia Peninsular. Ver nota 30.

<sup>155</sup> Ver nota 154.

<sup>156</sup> A prodigiosa actividade científica de O. da Veiga Ferreira encontra-se bem espelhada nesta e noutras passagens.

<sup>157</sup> Ocorrida a 24/4/1955. Ver nota 112.

<sup>158</sup> Não foi elaborada pelo Prof. A. Mendes Corrêa, mas sim por A. Viana (Viana, 1954).

<sup>159</sup> Tal conferência não resultou em qualquer publicação compulsada.



**Documento n.º 29**

*Manuscrito em cartão timbrado dos  
Serviços Geológicos de 15,0x9,7 cm*

24/5/1955

Meu Caro Prof. Viana

Depois de andar fora um tempo regresssei à base e encontrei os seus bilhetes postais. (...). Deve receber este meu postal amanhã. Se por acaso fôr a tempo e se quiser ir escavar a Aljustrel<sup>160</sup> connosco, parta na 6.ª. feira de manhã e espere-nos lá, porque eu e o Ruy vamos daqui na sexta de manhã. Estaremos lá 4 ou 5 dias a aproveitar o tempo que o Ruy está livre pois a senhora dele está em Lisboa com uma gaiata que lhe nasceu – ficará a refazer-se durante algum tempo. Mande-me na volta do correio dizer qualquer cousa pois se escrever amanhã ainda recebo na quinta-feira. Esteja descansado que as nossas coisas vão andar logo que despache o que tenha entre mãos. Cumprimentos e um abraço do seu Amigo

Veiga

**Documento n.º 30**

*Manuscrito em folha timbrada lisa do  
Instituto de Antropologia da Universidade do  
Porto de 15,5x21,0 cm*

Lisboa 24/9/955

Meu Caro Prof.

Cá recebi os calhaus que são bem bonitos. (...).

Mande-me um exemplar sem dedicatória do seu trabalho de *Odivelas*<sup>161</sup> pois os Leisner levaram por engano o que me havia dado e eu quero fazer a troca.

Veja-me estas provas depressa tenha paciência porque eu pedi mais e a continuação. Não se esqueça de mencionar sempre a entrada da estampas quando lhe enviar novas provas<sup>162</sup>.

Em Outubro vou a Montargil<sup>163</sup> explorar dolmen com os Leisner, depois vamos a Aljustrel quando o Prof. achar bem (...).

Peço apresente cumprimentos a Sua Ex.ª Esposa com um abraço para si do sempre Amigo

Veiga Ferreira

**Documento n.º 31**

*Manuscrito em folha lisa de 21,0x29,6 cm*

Lisboa 8 de Novembro de 1955

Meu Caro Prof. Viana

De regresso duma das minhas viagens ao Norte do País, encontrei dois bilhetes postais seus e apresso-me a dar-lhe notícias minhas. Eu estou como uma rocha, graças a Deus, assim como as

<sup>160</sup> Na altura, O. da Veiga Ferreira desenvolvia, com R. Freire de Andrade e A. Viana, escavações na notável necrópole romana de Valdoca, Aljustrel (Andrade *et al.*, 1957; Ferreira e Andrade, 1966). Ver fim da nota 67.

<sup>161</sup> Ver nota 58.

<sup>162</sup> Trata-se de provas de artigo de síntese sobre as escavações de Monchique publicado no vol. XIV dos *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* (Viana *et al.*, 1953e).

<sup>163</sup> Colaboração prestada por O. da Veiga Ferreira a estes dois eminentes arqueólogos que, porém, não deu origem a estudo de co-autoria, embora aqueles o tenham aproveitado (Leisner e Leisner, 1959).

garotas. A Maria Luísa tem passado muito mal do coração e está sendo tratada por meio de injeções de coramina. Tenho andado apoquentado com a questão, pois o médico diz-me que é preciso ter cuidado com ela. Em Vale de Cambra onde estive a trabalhar com o Albuquerque e Castro<sup>164</sup>, caímos sobre as coisas que o Amorim Girão<sup>165</sup> em tempos falou, 1923. Verifiquei que o homem, ou escreveu de cor ou não percebe nada de mamôas ou coisas parecidas. Imagine que ele diz que o monumento principal, o que está à vela, não tem galeria quando ela está toda lá. Evidentemente que apenas aqui e além afloram os esteios. As outras mamôas, que ele apenas indica 5, nós, num ligeiro reconhecimento, identificámos 9, nunca foram mexidas. Ele diz terem sido violadas, mas o Prof. sabe que eu nisso não me engano. De qualquer das maneiras vamos explorar a região e fazer escavações em Março próximo e o Amigo fica desde já convidado a colaborar connosco. Temos jeep que nos leva ao local, temos dinheiro e tudo, só nos falta a Sua sempre querida presença. De modo que já sabe em Março vem ter comigo a Lisboa quando eu o avisar e vamos de abalada até ao Porto, onde depois organizaremos a campanha.

Quanto às separatas eu sei que o Mestre está aborrecido comigo, mas sabe que eu não tenho a culpa. As de Monchique<sup>166</sup>, como sabe, desmontaram a composição antes de eu saber se o amigo queria mais separatas. As de Aljustrel<sup>167</sup> que lhe vou enviar 50, estava eu nos Açores<sup>168</sup>, além de que o regime da nossa tipografia é diferente.

Das de Monchique, não tenho mais nada a enviar-lhe porque não tenho já nenhuma. Lembre-se que lhe dei 10, mandei 5 ao Dr. Formosinho e fiquei com outras 10 que distribuí aos colegas e pessoas mais importantes. Para que é que os (...) do Instituto<sup>169</sup> querem 12? Eles são doidos certamente, ou pensam que nós publicamos só para eles? Quanto ao Ruy, se o tempo melhorar ainda este mês irei estar consigo a Beja para nos juntarmos a ele.

Tenho o trabalho da Ponte da Lage<sup>170</sup> pronto, o de Fontalva<sup>171</sup> já está todo alinhavado, e logo que queira mando-lho para fazer o favor de ver e passar à máquina a seu gosto.

<sup>164</sup> Eng. Luís de Albuquerque e Castro, do Serviço de Fomento Mineiro, co-autor de diversos trabalhos de campo com O. da Veiga Ferreira (ver listagem das publicações em Oliveira, 1984), de que se destacam os dedicados aos monumentos megalíticos da bacia do Vouga, que deram origem a uma primeira publicação, apresentada em 1956 (Castro *et al.*, 1957).

<sup>165</sup> Prof. Amorim Girão, Catedrático de Geografia da Universidade de Coimbra e autor de monografia onde se referem diversos monumentos megalíticos, em os quais os mencionados nesta carta (Girão, 1923).

<sup>166</sup> Refere-se às separatas do trabalho dedicado às necrópoles pré-históricas da Serra de Monchique, publicado em 1953 (Viana *et al.*, 1953e) ou às do que veio a lume sobre o mesmo assunto no ano seguinte (Viana *et al.*, 1954). Ver nota 36.

<sup>167</sup> Trata-se das separatas do estudo sobre a mineração romana das minas de Aljustrel (Viana *et al.*, 1954). Ver notas 67 e 77.

<sup>168</sup> Corresponde a uma das diversas missões geológicas às ilhas dos Açores, dirigidas por G. Zbyszewski em que O. da Veiga Ferreira participou, com o objectivo de efectuar trabalhos de cartografia geológica.

<sup>169</sup> Trata-se do artigo de revisão dos materiais arqueológicos exumados sob direcção de Carlos Ribeiro, em 1879 (Cardoso, 1995) e conservados no Museu dos então Serviços Geológicos de Portugal, ulteriormente estudados (Zbyszewski *et al.*, 1957).

<sup>170</sup> Trata-se do artigo de revisão dos materiais arqueológicos exumados sob direcção de Carlos Ribeiro, em 1879 (Cardoso, 1995) e conservados no Museu dos então Serviços Geológicos de Portugal, ulteriormente estudados (Zbyszewski *et al.*, 1957).

<sup>171</sup> Trabalho publicado em 1957 mas que sofreu sucessivos atrasos, na ultimação do manuscrito (Paço *et al.*, 1957). Ver notas 42, 70, 79, 144 e 149.

Desde Maio que não paro, como sabe depois dos Açores<sup>172</sup> tive as escavações da Idanha<sup>173</sup>, depois os Franceses<sup>174</sup>, agora Albergaria, etc.

Diga-me alguma coisa sobre tudo isto, esta semana não conto sair.

Peço desculpe o seu velho Amigo que pede apresente cumprimentos a todos com um abraço para si do sempre dedicado

Veiga

P.S. As separatas que enviou ficou tudo entregue.

Vamos fazer o trabalho sobre os vasos romanos de pedra ou não? Diga qualquer coisa para eu ir a Torres Novas fotografar a patera que lá está<sup>175</sup>.

Não esqueça o vaso do Padre Serralheiro que é campaniense, autêntica cerâmica grega<sup>176</sup>.

Veiga

### Documento n.º 32

Manuscrito em folha lisa de 21,0x29,6 cm

Lisboa 2 de Dezembro 1955

Meu Caro Prof. Viana

Saúde! Embora pareça mentira regressei de Viseu onde apanhei um frio de morrer e estive com o nosso amigo Russell Cortez *Director do Museu Grão Vasco*. Como sempre foi muito gentil comigo, mas está cheio de manias de futuras grandezas. Cheguei e fui caçado para a tal conferência de que lhe falei e parece-me não ter corrido nada mal, pelo menos o Prof. Mendes Corrêa ficou contente e ele presidia.

Agora vamos à nossa vida.

1.º – Acho muito bem como orientou a questão de Fontalva<sup>177</sup>.

2.º – No título principal pus “*Antiguidades de Fontalva-Neo-Eneolítico e época romana*”. Neo-Eneolítico cobre tudo e ninguém nos poderá dizer nada, nem mesmo o lunático Santa-Olalla<sup>178</sup> nem o outro não menos lunático que ele – Heleno. De facto, e embora o Neolítico em Portugal esteja

<sup>172</sup> Ver nota 168.

<sup>173</sup> Trata-se das escavações da antiga cidade romana de *Egitania*, actual Idanha-a-Velha, que dirigia anualmente, até finais da década seguinte, com o Prof. Fernando de Almeida, catedrático da Faculdade de Letras de Lisboa. Destes trabalhos pioneiros no âmbito da Arqueologia Urbana em Portugal, programados plurianualmente – no que também constituíram excepção à época em que se realizaram – resultaram numerosas publicações, além da elaboração da carta arqueológica da região egitaniense, um dos primeiros documentos desta índole a serem produzidos em Portugal, embora publicado muitos anos depois (Ferreira, 1978).

<sup>174</sup> Tratava-se de equipa de paleontólogos especialistas em Amonites do Instituto Católico de Lyon, tendo O. da Veiga Ferreira sido designado para o respectivo acompanhamento e apoio nos trabalhos de campo.

<sup>175</sup> Trabalho que não chegou a concretizar-se. O estudo destas peças foi ulteriormente feito por O. da Veiga Ferreira e F. de Almeida (Almeida e Ferreira, 1958).

<sup>176</sup> Trata-se de pequena taça campaniense, por lapso considerada como produção grega, publicada no ano seguinte por O. da Veiga Ferreira em co-autoria (Viana *et al.*, 1957 Est. I, n.º. 9).

<sup>177</sup> Ver nota 171.

<sup>178</sup> Trata-se do Prof. J. M. Santa-Olalla, autor de importantes sínteses sobre temas de pré-história peninsular.

muito mal conhecido (não acredito no Neolítico helénico!<sup>179</sup> nem no Neolítico do Russe!<sup>180</sup>) parece-me que o povoado de Fontalva<sup>181</sup> tem um fundo bastante arcaico. Como ao lado temos dolmenes que nos parecem mais avançados, se colocarmos tudo no Neo-Eneolítico talvez seja de bom critério. Acha bem? Estou de acordo consigo e o nosso Zby também que nós, os peninsulares, não podemos ir nas águas dos alemães e dos ingleses. Eles não conhecem bem certos pormenores da nossa Arqueologia e sobretudo certos aspectos desse período ultra-confuso o *Eneolítico ou Calcolítico* (...). Veja, por exemplo, o que se passa com o campaniforme!<sup>182</sup> Para mim, até à data, apenas Castillo<sup>183</sup> viu o problema.

O nosso amigo Afonso do Paço não foi no bote dos alemães<sup>184</sup> ele apenas seguiu o meu raciocínio e o do Zby mas não lhe deu continuidade. De resto ele está bem dentro hoje destes problemas, pois mantém contacto permanente com todos nós incluindo o Amigo. Sobre o programa da Faculdade de Letras, digo-lhe só isto. Era bem melhor que, em vez de matarem a cabeça, aos desgraçados que têm que tirar a Licenciatura em Letras, com asneiras sobre asneiras, ensinassem aos assistentes como se conhece um calhau trabalhado. Mas como o podem fazer? Os Prof. da Cadeira e isto a partir mesmo de Leite de Vasconcelos, nunca o souberam!!! Deixe-os andar quanto *mais burros doutores* existirem melhor. Não é essa a máxima da sua situação? Só pode ser isto ou aquilo quem for doutor! Portanto deixe andar!

Sobre os livros que me fala um não conheço, nem o Zby o outro é muito bom "*Atlas de Préhistoire*" de Alimen<sup>185</sup>. Mande-o pedir à Bertrand custa 90\$00. *O que tem graça é que fomos nós que indicámos à assistente<sup>186</sup> do Heleno esse livro!!! É na verdade muito bem feito e sério. Serviu-me imenso agora na minha palestra<sup>187</sup>.*

Sobre as separatas recebi tudo o que mandou, incluindo a da cidade de Évora e distribuí tudo também.

Vou entregar hoje ou amanhã o seu relatório ao Prof. Mendes Corrêa<sup>188</sup>. O desenho de S. João do Deserto<sup>189</sup> está a fazer. As gravuras estão à nossa disposição aqui no serviço. O Camarate

<sup>179</sup> M. Heleno defendia que, até aos seus trabalhos, não se tinha registado em Portugal o "Neolítico puro" (equivalente ao Neolítico Antigo Cardial, ou ao Neolítico Antigo Evolucionado, de C. Tavares da Silva), representado "em dolmens primitivos da região do Siborro (Montemor-o-Novo) e Estremoz (...)" e também na povoação do Alto das Bocas (Rio Maior) e na Gruta I da Senhora da Luz" (Heleno, 1956, p. 229). Actualmente, se se pode afastar o início do megalitismo do Neolítico Antigo, já as restantes estações referidas por Heleno possuem, inquestionavelmente, materiais arqueológicos daquela fase cultural.

<sup>180</sup> F. Russell Cortez, autor de uma síntese, hoje ultrapassada, sobre o Neolítico português (Cortez, 1952), à qual O. da Veiga Ferreira se refere.

<sup>181</sup> Ver Paço *et al.* (1957) e nota 171.

<sup>182</sup> Ver, a propósito desta observação, recente estudo (Cardoso e Soares, 1990/92) bem como a bibliografia nele contida.

<sup>183</sup> Prof. Alberto del Castillo, autor de importantes sínteses sobre a questão do campaniforme peninsular (Castillo, 1928, 1956). A esta questão dedicou O. da Veiga Ferreira particular atenção, desde muito cedo da sua actividade arqueológica: o primeiro trabalho de síntese data de 1954 (Ferreira, 1954), constituindo tema de sua dissertação doutoral, apresentada à Sorbonne em 1965 (Ferreira, 1966).

<sup>184</sup> Trata-se das doutrinas sobre a origem e difusão dos vasos campaniformes, apresentadas essencialmente pelo inglês Savory (1950) e pelo alemão Sangmeister (1951).

<sup>185</sup> Trata-se da Prof. Henriette Alimen, autora da obra referida, editada por Bouée et Cie., Paris.

<sup>186</sup> Trata-se da Dr.<sup>a</sup> Irisalva Moita, antiga Directora do Museu da Cidade (Lisboa), então Assistente da Faculdade de Letras de Lisboa.

<sup>187</sup> Ver primeiro parágrafo deste documento.

<sup>188</sup> Ver nota 155.

<sup>189</sup> Mina dos arredores de Aljustrel.

França<sup>190</sup> está ótimo e manda-lhe muitos cumprimentos. Estamos os dois trabalhando no seu espólio da Samarra<sup>191</sup> que é maravilhoso. Morada – Estrada de Benfica n.º 512 r/c esq. Lisboa.(...).

Já distribuiu alguma coisa de Aljustrel?<sup>192</sup> E o artigo sobre os objectos (vasos) de pedra romanos? Faz-se ou não?<sup>193</sup> E a taça campaniense do Padre Serralheiro não merece uma nota?<sup>194</sup>

Parece-me, de momento, não me esquecer de nada. Peço apresente cumprimentos aos seus com um apertado abraço para si do seu velho Amigo e discípulo

Veiga

### Documento n.º 33

*Manuscrito em cartão timbrado dos  
Serviços Geológicos de Portugal de  
15,7x9,6 cm*

Lisboa 23 Dezembro 1955  
Meu Caro Prof. Viana

Estou muito preocupado pois nunca mais tive notícias suas nem resposta à última carta, aqui não sabemos nada de si, principalmente em minha casa e começamos a andar apoquentados. Está doente? voltou-lhe essa maçada da asma? diga ou mande dizer como se encontra pois só assim ficaremos descansados. Se não fosse as atribulações passadas agora com a morte do meu sôgro já lhe tinha escrito.

Os seus estão bem? E o nosso Dr. Formosinho, sabe dele? andou pelo Alentejos do Norte com ele ou não?

Se por acaso se encontra bem e os seus desejo-lhe um Feliz Natal e um futuro ano muito feliz a seu contento. Diga-me alguma coisa para eu e nós ficarmos descansados<sup>195</sup>.

Peço apresente cumprimentos a todos os seus com um apertado abraço do seu sempre Amigo muito dedicado

Veiga

### Documento n.º 34

*Manuscrito em cartão timbrado dos  
Serviços Geológicos de Portugal de  
15,7x9,6 cm*

Lisboa 30/12/955  
Meu Caro Professor

Saúde! Sei que não deve estar doente, pelo menos, de gravidade pois escreveu ao Zby. Não sei portanto a razão porque não responde às minhas missivas. Não me acusa a consciência de lhe ter feito nada que o aborecesse ou o ofendesse. Peço-lhe pois me responda e diga o que há ou o que tem. Tenho muitas coisa a combinar consigo e não poderei falar ao chefe sem saber o que o Mestre pensa.

<sup>190</sup> Ver nota 26.

<sup>191</sup> Depósito votivo calcolítico, situado na arriba litoral a norte da Serra de Sintra, cujo espólio, incluindo algumas peças notáveis, foi ulteriormente publicado (França e Ferreira, 1958).

<sup>192</sup> Ver nota 167.

<sup>193</sup> Ver nota 175.

<sup>194</sup> Ver nota 176.

<sup>195</sup> Esta preocupação com a saúde e bem-estar doa amigos e a total disponibilidade para os ajudar foi uma constante na maneira de ser de O. da Veiga Ferreira, expressivamente denunciada nesta e noutras ocasiões.

Se tem alguma surpresa para mim ou para a ciência que praticamos desembuche qualquer coisa mas saia desse mutismo que nos traz nervosos. Se está doente diga ou mande dizer porque eu meto-me no combóio e vou vê-lo<sup>196</sup>. Cumprimentos a todos, espero sua resposta com um abraço do sempre Amigo

Veiga

**Documento n.º 35**

*Manuscrito em billbete postal dos CTT  
de 14,8x10,4 cm*

6 – 2 – 56

Meu caro Tio Abel<sup>197</sup>

Saúde! Soube pela minha mulher que o amigo ia a Lisboa e vinha só no dia 12. Eu estou em Aljustrel com o Dr. Zby *mas a trabalhar unicamente em Geologia*<sup>198</sup>. Só depois do dia 16 estarei livre para trabalhar consigo e com o Freire de Andrade. Na altura eu vou avisá-lo do dia exacto em que poderei dedicar o tempo à Arqueologia aqui. É claro que se o Amigo quer vir apenas nos encontramos à noite mas isso deve ser muito maçador para si.

Desculpe não o ter avisado já mas sabe bem como são estas viagens e estes trabalhos. Vi a colecção de coisas encontrada e fiquei encantado. Há muita coisa boa<sup>199</sup>.

Cumprimentos de todos para si e um abraço meu para o Sempre Amigo do muito grato ao seu dispôr

Veiga

**Documento n.º 36**

*Manuscrito em cartão timbrado dos  
Serviços Geológicos de 15,8x9,6 cm*

Lisboa 5/2/957

Meu Caro Prof. Viana

Saúde! Escrevo-lhe pedindo me dê resposta na volta do correio para o seguinte assunto: Convidou-me a Casa do Algarve, por intermédio do Dr. Garcia Domingues<sup>200</sup>, para eu fazer uma conferência sobre a Pré-história do Algarve. Ora ontem soube pelo Major Moreno que o Amigo tinha sido convidado para fazer uma conferência também. Desejava que o Mestre me dissesse o que pensa tratar. Eu por mim sinto-me mais à vontade na Pré-história, mas não quero de forma nenhuma ir colidir com o que o Amigo pensa fazer. Para o Mestre será fácil falar sobre qualquer assunto do Algarve, para mim fora da Pré-história será impossível. Diga-me o que pensa para eu, inclusivamente, desistir do que me propus fazer<sup>201</sup>. *As coisas dos nossos amigos algarvios são sempre assim.*

<sup>196</sup> Ver nota 195.

<sup>197</sup> É a segunda vez (a primeira foi na missiva de 24/5/1954, ver Doc. 26) que O. da Veiga Ferreira se dirige filialmente a A. Viana, tratando-o por "Tio", denunciando tratamento afectuoso, estreitado pelos já longos anos de trabalho em comum.

<sup>198</sup> Trata-se dos levantamentos geológicos da região de Aljustrel (Carta Geológica de Portugal na escala de 1/50000, folha n.º 42-D) editada ulteriormente pelos Serviços Geológicos de Portugal.

<sup>199</sup> Trata-se de espólios romanos entrados no Museu das Minas de Aljustrel, resultantes da acção do Eng. Ruy Freire de Andrade em prol da investigação e defesa do rico património arqueológico existente nos terrenos da Sociedade Minas de Aljustrel, SA, da qual era Técnico Superior.

<sup>200</sup> Historiador algarvio, particularmente interessado no estudo dos testemunhos da presença árabe em território português, tema sobre o qual tem vasta obra publicada.

<sup>201</sup> A disponibilidade de O. da Veiga Ferreira perante os amigos, ia ao ponto de prescindir de convites honrosos como o endereçado pela Casa do Algarve.

Até nisto não se entendem. Imagine que se não fosse o Major Moreno eu não sabia de nada e veja a confusão dos diabos se por acaso eu ia falar sobre o mesmo assunto do Mestre. Agradeço pois me diga qualquer coisa. Penso ir para Aljustrel no dia 11<sup>202</sup>. Até breve um abraço do muito dedicado Amigo

Veiga

**Documento n.º 37**

*Manuscrito em bilhete postal dos CTT  
de 14,8x10,4 cm*

13/2/57

Meu Caro Prof. Viana

Saúde! Aqui estou em Aljustrel depois de várias aventuras com o nosso Abade Breuil<sup>203</sup> que apesar dos seus 80 anos ainda tem um ânimo dos diabos. No sábado, dia do seu aniversário, *vamos à noite a sua casa felicitá-lo* e trazê-lo connosco para Aljustrel<sup>204</sup>. Entregarei o seu caso, *que é de todos os seus amigos*, ao Prof. Mendes Corrêa. Ele já sabia, não sei como, do que se passava e disse-me que falaria com o Ministro se fosse necessário<sup>205</sup>. Também o Ruy disse se fosse necessário que metia o Tio na baila. Tenho fé que tudo volte à normalidade. Tenho vários assuntos a tratar consigo incluindo, já se vê, a sua ida a Lisboa para Março e Sever do Vouga-Antelas para Abril ou a ver<sup>206</sup>. Depois falamos. Aqui em Aljustrel vamos no Domingo à cista megalítica com mamôa<sup>207</sup>. Estou

<sup>202</sup> Ver nota 160.

<sup>203</sup> H. Breuil passava longas temporadas, no período invernosos, todos os anos, em Portugal, durante as quais tinha oportunidade de rever os amigos e visitar novos ou antigos locais de interesse arqueológico. A 2 de Fevereiro de 1957, apenas onze dias antes da redacção desta missiva, estava O. da Veiga Ferreira com o eminente pré-historiador francês no abrigo de Vale de Junco, na Esperança (Arronches), com pinturas rupestres esquemáticas (Ferreira, 1965). Daí a expressiva referência à vitalidade de Breuil. Anos depois, publicaria O. da Veiga Ferreira estudo sobre pinturas esquemáticas idênticas, encontradas vizinha Serra dos Louçães (Castro e Ferreira, 1960/61).

<sup>204</sup> Abel Viana fazia 61 anos a 16/2/1957. Este e outros episódios evidenciam a amizade que unia a plêiade de arqueólogos, da qual O. da Veiga Ferreira fazia parte, reunidos em torno da figura já patriarcal de Abel Viana.

<sup>205</sup> Trata-se de dificuldades que A. Viana sofreu na prossecução do seu labor arqueológico, cuja origem não foi possível precisar mas que não será difícil situar (ver notas 50 e 114).

<sup>206</sup> O. da Veiga Ferreira pretendia prosseguir, com L. de Albuquerque e Castro e A. Viana o estudo dos monumentos dolmênicos da bacia do Vouga (ver nota 164). A menção ao monumento de Antelas justifica maior pormenor: trata-se de dólmen, com notáveis pinturas nos esteios da câmara publicado neste mesmo ano (Castro *et al.*, 1957), cuja conservação e valorização lhe mereceu os maiores cuidados, tendo, a tal propósito, apresentado comunicação ao I Congresso Nacional de Arqueologia, reunido no ano seguinte em Lisboa (Castro e Ferreira, 1959). Recentemente, tal projecto – que na altura não teve seguimento – foi retomado, encontrando-se em fase de conclusão (Cruz, 1997).

<sup>207</sup> Uma das cistas exploradas por O. da Veiga Ferreira, A. Viana e R. Freire de Andrade, constantes da notável síntese sobre o megalitismo baixo-alentejano, apresentada ao I Congresso Nacional de Arqueologia, reunido em Lisboa em Dezembro de 1958 (Viana *et al.*, 1959). Trata-se, provavelmente, da cista megalítica do cerro das Antas ou da do Monte do Brejo, a primeira no concelho de Almodôvar, a segunda no de Ourique, visto os restantes monumentos deste tipo, mencionados por Viana *et al.* (1959), terem sido explorados em época posterior a esta missiva. Com efeito, o monumento de Monte Velho foi explorado nos dias 15, 16 e 17 de Março de 1957 (Viana *et al.*, 1957, p. 211), declarando-se, na publicação respectiva, que “A exploração (...) foi feita na mesma ocasião em que escavámos as cistas megalíticas do Serro das Antas, e do Brejo ...” Viana *et al.*, 1961, p. 483), isto é, em datas compatíveis com a mencionada. Será, talvez, possível maior rigor: com efeito, em

ansioso por ver o que dá aquilo. Sabe que encontrei mais pinturas em Arronches<sup>208</sup>? Sabe que temos que explorar as cristas quartzíticas do Vouga? Agora depois de ver as do abrigo do Vale de Junco tenho quase a certeza que já passámos perto de outras sem as vermos.

Até Sábado. Um abraço do

Veiga

**Documento n.º 38**

*Manuscrito em cartão timbrado dos  
Serviços Geológicos de 15,8x9,6 cm*

30/3/957

Meu Caro Mestre

Saúde! Por cá vamos andando o melhor que Deus nos deixa. Já comecei a montar as estampas de campo do monumento do Monte Velho<sup>209</sup>. Vai ficar uma coisa ótima. Pedia agora me mandasse com urgência os negativos das fotografias juntas, assim como os negativos da *cista dos braceletes*<sup>200</sup> para eu mandar fazer ampliações em condições de gravura. Se o Mestre quiser mande-me os negativos todos para eu escolher, pois eu prometo-lhe enviá-los logo que estejam feitas as ampliações. Não esqueça os negativos das coisas romanas (louças e objectos)<sup>211</sup>. Peço para fazer a notícia descritiva e todo o paleio das braceletes para eu entregar quanto antes na redacção do Serviço. Vou fazer a planta do Monte Velho amanhã assim como as conclusões que tenho em mente e depois mandolhe tudo<sup>212</sup> (...).

Seguem hoje 150 separatas do artigo do cobre<sup>213</sup>. O Beltrán<sup>214</sup> mandou-me tudo para cá. Depois segue o resto conforme indicações suas. Um abraço do

Veiga

outra publicação declara-se que a cista megalítica do Serro das Antas foi explorada nos dias 17, 18 e 19 de Fevereiro de 1957, possuindo a mamoa muito arrasada, enquanto que a cista do Brejo, visitada a 19 de Fevereiro era provida de mamoa de "excepcional grandeza", embora também muito arrasada (Viana *et al.*, 1957, p. 417). Tal grandeza encontra-se, pois, mais condizente com a "cista megalítica com mamoa" do Brejo. Além disso, O. da Veiga Ferreira não menciona escavações mas apenas uma deslocação, ao monumento em causa, o que reforça a conclusão proposta.

<sup>208</sup> As novas descobertas de arte rupestre efectuadas por O. da Veiga Ferreira em Arronches foram publicadas anos depois (Castro e Ferreira, 1960/61). Ver nota 203.

<sup>209</sup> Trata-se de importante *tholos*, cujo estudo monográfico foi publicado apenas em 1961 (Viana *et al.*, 1961b). Ver nota 207.

<sup>210</sup> Trata-se da cista megalítica do Serro das Antas, explorada de 17 a 19 de Fevereiro de 1957 (ver nota 207), a qual forneceu três braceletes de ouro maciço, hoje conservados no cofre do Instituto Geológico e Mineiro (Viana *et al.*, 1957, Est. V).

<sup>211</sup> Trata-se do espólio romano da necrópole de Valdoca, Aljustrel preliminarmente publicado na altura (Andrade *et al.*, 1957). Mais tarde, publicou-se a planta desta notável estação (Ferreira e Andrade, 1966), seguindo-se o estudo do espólio exumado. Ver notas 127 e 151.

<sup>212</sup> Ver nota 209.

<sup>213</sup> Trata-se da comunicação apresentada no IV Congresso Internacional e Ciências Pré-históricas e Protohistóricas (Madrid, 1954) e publicado dois anos depois (Viana e Ferreira, 1956). Ver nota 39.

<sup>214</sup> Prof. António Beltrán Secretário-geral do Congresso e Coordenador da edição das actas.



**Documento n.º 39**

*Manuscrito em bilhete postal dos CTT  
de 14,8x10,4 cm*

31/5/57

Meu Caro Mestre

Saúde! Já pensou que morri ou desapareci! Mas nada disso. Explorações formidáveis me rete-ram em Sintra durante duas semanas<sup>215</sup>. Encontrámos, eu e o Zby, coisas muito interessantes que vêm resolver certos problemas da cerâmica da Cultura do Vaso Campaniforme. Imagine que encontrámos (...) cerâmica incisa em associação com cerâmica do campaniforme<sup>216</sup>. Encontrámos também coisas de cobre e imagine uma conta bicónica de ouro<sup>217</sup>. Enfim, coisas muito interessantes que depois lhe contarei em pormenor.

Conto seguir para baixo no dia 3 segunda-feira. Passarei por sua casa. *Se não for mando telegrama*. Até breve pois. Muitos cumprimentos à Exm.<sup>a</sup> Senhora Dona Maria da Luz e um abraço para si do muito e dedicado Amigo

Veiga

**Documento n.º 40**

*Manuscrito em bilhete postal dos CTT  
de 14,8x10,4 cm*

6 – 6 – 957

Meu Caro Professor

Saúde! Ainda não foi desta vez que nos encontrámos para trabalhar em Aljustrel. Imagine que eu tinha acabado a primeira fase de escavações em Sintra com o Zby<sup>218</sup>, quando surgiu em Portugal o Professor Lombard da Universidade de Bruxelas. Fomos mobilizados à última hora para acompanhar o Professor em digressão por todo o País. Hoje vamos a Sagres, Caldas de Monchique-Aljezur e sei lá. Amanhã vamos para outro lado. Ontem dormimos em Aljustrel e possivelmente ficaremos hoje aqui. No sábado vamos para Lisboa, Sintra, Mafra, Torres Vedras, etc. Para a semana eu e o Zby voltamos ao litoral do Alentejo para prepararmos o nosso trabalho para o Congresso de Espanha<sup>219</sup>. No dia 27 vamos para os Açores. Penso que só para Setembro nos encontraremos<sup>220</sup>. Recebi as suas separatas. Acho tudo bem. *Então já não fazemos o artigo da espada* o Mestre já o fez. Valia a pena fazer uma nota mais completa com o desenho ou fotografia de outras conhecidas. É uma coisa rara<sup>221</sup>. Até breve. Um abraço do

Veiga

<sup>215</sup> Trata-se da primeira campanha de escavações no povoado da Penha Verde, Sintra.

<sup>216</sup> Na Penha Verde, a associação de cerâmicas campaniformes a outras, características do Calcolítico Pleno da Estremadura, reconhecida por O. da Veiga Ferreira e G. Zbyszewski em estruturas habitacionais, forçosamente de "vida curta", foi recentemente valorizada (Cardoso e Soares, 1990/92), no âmbito de uma reavaliação da emergência do "fenómeno" campaniforme na Estremadura Portuguesa.

<sup>217</sup> Artefacto descrito no primeiro estudo dedicado à estação (Zbyszewski e Ferreira, 1958, p. 50).

<sup>218</sup> Ver nota 215. A segunda campanha de escavações na Penha Verde foi realizada em Setembro de 1958 (Zbyszewski e Ferreira, 1959).

<sup>219</sup> Comunicação não concretizada em publicação.

<sup>220</sup> Esta missiva dá bem conta da intensa actividade de O. da Veiga Ferreira nos finais da década de 1950.

<sup>221</sup> Trata-se de espada completa, do Bronze Final, recolhida no Castro de Nossa Senhora da Cola, de que A. Viana (Viana, 1956, p. 148-149) apenas deu breve notícia. Por isso, O. da Veiga Ferreira considerava a vantagem de sobre ela se elaborar trabalho mais desenvolvido, atendendo à importância arqueológica do achado.

**Documento n.º 41**

*Manuscrito em cartão timbrado dos  
Serviços Geológicos de Portugal de 15,7x9,6 cm*

9 – 1 – 959

Meu caro Prof. Viana

Saúde! Espero que o amigo não esteja ainda engasgado com os croquetes do Congresso<sup>222</sup>. Nunca mais deu sinal de vida nem me mandou o que prometeu, isto é, o trabalho sobre os dolmenes do Baixo Alentejo<sup>223</sup>. O Amigo sabe que eu ainda lhe tenho que juntar a história do cobre e só depois poderei entregar tudo ao D. Fernando<sup>224</sup>. Sabe que o prazo termina impreterivelmente no dia 15. Depois arriscamos a que isto não seja publicado na Actas do Congresso. Tenha paciência mande-me tudo na volta do correio pois para a semana tenho que ir ao campo e quero deixar isso pronto. Creio que não deve estar doente. Se por acaso estiver adoentado mande tudo como tiver que eu acabo e arranjo o resto. Não sei ainda se vou a Aljustrel este mês. Tudo depende das ordens superiores por causa do Plano de Fomento.

Agradecia, pois, não me deixasse atrapalhado com esta questão. Peça apresente cumprimentos aos seus e para si um forte abraço de muita amizade do dedicado

Veiga

*O Camarate vem para os Serviços aqui para o pé de mim. Mesmo em frente*<sup>225</sup>.

**Documento n.º 42**

*Carta dactilografada (excepto PS manuscrito)  
em folha lisa de 21,0x29,6 cm*

Serviços Geológicos em 10/9/62

Meu caro Prof. Viana

Como de costume aqui estou a dar notícias por atacado. Desculpe o atraso das respostas mas como deve calcular ando com muito trabalho em cima dos ossos e com pouco tempo ou nenhum tempo para descanso<sup>226</sup>. Não me esqueceu o caso dos lacraus e eu mesmo há muitos anos encontrei um quando trabalhava na estrada de Almodôvar para São Barnabé que pela descrição que me fez desse da Cola me parece a mesma espécie. O amigo guarde isso é quando vier a Lisboa vamos procurar a Dona Amélia Bacelar que é quem estuda os aracnídeos em Portugal. O melhor para o conservar, como o Mestre bem sabe, é metê-lo em formol. Não tenho cá tubos desse tamanho mas penso que seria bom meter os exemplares antes num frasco mais largo pois a absorção pelo alcool ou formol faz engrossar o bicho e depois arrisca-se a que se estrague se por ventura alguém o quiser estudar.

Sobre os meus problemas por enquanto vais tudo bem. Parece-me que tudo se irá compôr e já tenho tido algumas conversas com o nosso Moitinho de Almeida<sup>227</sup> que me entregou a mim tudo quanto se refere à Arqueologia nos Serviços, o que me encheu de contentamento. O pior é não

<sup>222</sup> Refere-se ao I Congresso Nacional de Arqueologia, reunido em Lisboa de 15 a 20 de Dezembro de 1958.

<sup>223</sup> Trata-se de síntese sobre o megalitismo do Baixo Alentejo, publicada no vol. I das respectivas Actas (Viana *et al.*, 1959). Ver início da nota 207.

<sup>224</sup> Prof. Fernando de Almeida, Secretário-Geral do Congresso.

<sup>225</sup> Trata-se do Dr. José Camarate França. Ver notas 26 e 190.

<sup>226</sup> Com o tempo, as cartas foram-se tornando mais espaçadas, consequência de sobrecarga de trabalho de O. da Veiga Ferreira e do desenvolvimento de outras linhas de investigação, com novos colaboradores.

<sup>227</sup> Eng. Fernando Moitinho de Almeida, Director interino dos Serviços Geológicos de Portugal até 1974 e sucessor do Eng. A. de Castello-Branco, atingindo pelo limite da idade, nesse mesmo ano de 1962.

haver massas e sobretudo não se poder fazer Arqueologia do Eneolítico, a não ser esporadicamente! Bom, mas para o Quaternário não há por enquanto problema e o próprio Moitinho está muito entusiasmado com as escavações em grutas<sup>228</sup>.

Agora, por exemplo com a Gruta Nova do Bombarral, onde já tivemos a sorte de encontrar um dente de um homínido, ele tem sido incansável<sup>229</sup>.

Agradeço como sempre os seus bons conselhos que considero mais de pai de que vulgar amigo. Bem haja e o velho Veiga nunca esquece!

Continuamos a exploração da gruta do Bombarral e em Outubro vou 15 dias para a Idanha com o nosso comum e querido amigo Dom Fernando<sup>230</sup>.

Todos nós temos imensa pena que o amigo não interrompa por três ou quatro dias os trabalhos na famosa Cola<sup>231</sup> e que venha passá-los connosco no Bombarral. Imagine que o nosso gentilíssimo amigo Jorge de Almeida<sup>232</sup> e os amigos preparavam-lhe uma recepção como merece! Veja lá isso!

Parece-me que por agora não tenho nada de urgente a comunicar-lhe mais. Desejo que continue com essa robusta saúde de sempre, com os melhores resultados na sua esplêndida Cola e cá espero como de costume as suas sempre queridas notícias. Peço apresente os meus respeitos à Senhora Dona Maria da Luz e para o velho Mestre um forte abraço do sempre dedicado amigo<sup>233</sup>.

Veiga

P.S. Esta gruta do Bombarral, a gruta Nova, tem apenas um nível muito desenvolvido – o *Mustierense* com fauna de *Rinoceronte*, *Urso*, *Hiena*, *Pantera*, *Cervo*, *Cavalo*, *Boi* etc. e com uma ocupação humana da época com a melhor indústria *mustierense* encontrada até hoje em Portugal<sup>234</sup>. O *Grego*<sup>235</sup> quando disto souber rebenta! Até breve, seu Amigo

Veiga

<sup>228</sup> Compreendia-se esta posição; com efeito, era a investigação dos períodos pré-neolíticos que mais relação detinha (e detém) com a Geologia do Quaternário, revestindo-se, por isso, de mais interesse, na perspectiva geológica da chefia dos Serviços.

<sup>229</sup> Trata-se da Gruta Nova da Columbeira, descoberta acidentalmente por um tiro de pedreira, cuja escavação, iniciada a 20/8/1956, foi dirigida por O. da Veiga Ferreira, com a colaboração dos Dr. Camarate França e Doutor Georges Zbyszewski, dos Serviços Geológicos de Portugal. Os trabalhos contaram ainda com o apoio de grupo de amadores de Arqueologia do Bombarral (J. de Almeida Monteiro, V. Cortes, A. Furtado e A. Maurício).

O “dente de homínido” tratava-se, efectivamente, de um dente decidual de neandertal, estudado por Ferembach (1964/65). Aliás, outra conclusão não seria possível, pelo facto da gruta conter apenas indústrias mustierenses.

<sup>230</sup> Ver nota 173. O Prof. Fernando de Almeida conseguia, por parte da Direcção dos Serviços Geológicos, a dispensa de O. da Veiga Ferreira para colaborar nos trabalhos da Idanha, situação que já vinha do tempo do anterior Director, o Eng. António de Castello-Branco. A sua estadia no terreno era, contudo, assegurada, ao menos nos primeiros tempos, por verba do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, sob a direcção do Prof. A. A. Mendes Corrêa (Almeida, 1956).

<sup>231</sup> A escavação em grande escala do Castro de Nossa Senhora de Cola, no concelho de Ourique, foi o último trabalho de fôlego a que A. Viana meteu ombros; todas as suas energias eram canalizadas para a prossecução dos trabalhos de campo e para o estudo do material exumado o que, infelizmente, só muito parcialmente se verificou (Viana, 1960): a morte surpreendeu-o em plena actividade.

<sup>232</sup> Jorge de Almeida Monteiro, arqueólogo amador do Bombarral, que apoiava activamente as escavações na Gruta Nova de Columbeira. Ver nota 229.

<sup>233</sup> Esta é a última missiva de O. da Veiga Ferreira a A. Viana, que viria a falecer a 13 de Fevereiro de 1964.

<sup>234</sup> Sobre a associação faunística na Gruta, ver Cardoso (1993). Relativamente ao enquadramento estratigráfico e distribuição das indústrias, ver Ferreira (1966, 1984).

<sup>235</sup> Ver nota 90.

**Bibliografia citada**

- ALMEIDA, F. de (1957) – Notas sobre as primeiras escavações em Idanha-a-Velha. In *23.º Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, Coimbra, 1956*. Coimbra. p. 9-14.
- ALMEIDA, F. e FERREIRA, O. da V. (1958) – Antiguidades de Torres Novas. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 31, p. 214-217.
- ANDRADE, R. F. de; FERREIRA, O. da V.; VIANA, A. (1957) – Necrópole céltico-romana de Aljustrel. In *23.º Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, Coimbra, 1956*. Coimbra. p. 193-203.
- ARNAUD, J. M. e GAMITO, T. J. (1978) – Povoado calcolítico de Alcalar. Notícia da sua identificação. *Anais do Município de Faro*. Faro. 8, p. 275-283.
- CARDOSO, J. L. (1993) – *Contribuição para o conhecimento dos grandes mamíferos do Plistocénico Superior de Portugal*. Oeiras: Câmara Municipal. p. 567.
- CARDOSO, J. L. (1995) – Novas escavações na gruta da Ponte da Lage, Oeiras, revisão dos materiais paleolíticos. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5, p. 49-66.
- CARDOSO, J. L. e SOARES, A. M. M. (1990/92) – Cronologia absoluta para o campaniforme da Estremadura e do Sudoeste de Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 4. 8-10, p. 203-228.
- CARDOSO, M. (1994) – *Obras de Mário Cardoso*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida. 1. p. 531.
- CASTILLO, A. del (1928) – *La Cultura del Vaso Campaniforme. Su origen y extension en Europa*. Barcelona. p. 216.
- CASTILLO, A. del (1956) – El Vaso Campaniforme. In *IV Congreso Internacional de Ciencias Prehistoricas y Protobistoricas, Madrid, 1954*. Zaragoza. p. 28.
- CASTRO, L. de A. e FERREIRA, O. da V. (1959) – Protecção e conservação do dólmen pintado de Antelas. In *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia, Lisboa, 1958*. Lisboa. 1, p. 111-115.
- CASTRO, L. de A. e FERREIRA, O. da V. (1960/61) – As pinturas rupestres esquemáticas da serra das Louções. *Conimbriga*. Coimbra. 2-3, p. 203-222.
- CASTRO, L. de A.; FERREIRA, O. da V.; VIANA, A. (1957) – Acerca dos monumentos dolménicos da bacia do Vouga. In *Actas do 23.º Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, Coimbra, 1956*. Coimbra. 8, p. 471-481.
- CASTRO, L. de A.; FERREIRA, O. da V.; VIANA, A. (1957) – O dólmen pintado de Antelas, Oliveira de Frades. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 38: 2, p. 325-348.
- CORTEZ, F. R. (1952) – Contributo para o estudo do Neolítico em Portugal. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 13: 3-4, p. 193-248.
- CRUZ, D. J. (1957) – Dólmen de Antelas. In *Livro do Colóquio A Pré-história na Beira Interior, Tondela, 1997*. Tondela: Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta. p. 35-36.
- FEREMBACH, D. (1964-1965) – La molaire humaine inférieure moustérienne de Bombarral, Portugal. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 48, p. 185-190.
- FEREMBACH, D. (1974) – *Le gisement mésolithique de Moita do Sebastião, Muge, Portugal. 2 - Antropologie*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura. p. 146.
- FERREIRA, O. da V. (1952) – Os Pectínídeos do Miocénico da ilha de Santa Maria, Açores. *Revista da Faculdade de Ciências de Lisboa*. Lisboa. S. 2. C, 2: 2, p. 243-258.
- FERREIRA, O. da Veiga (1952) – Ara votiva da Lousã. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 62: 1-2, p. 192-195.
- FERREIRA, O. da V. (1954) – Acerca da Cultura do Vaso Campaniforme em Portugal.

- Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 15: 1-2, p. 5-16.
- FERREIRA, O. da V. (1956) – Faune malacologique; crustacés et poissons. Muge – Moita do Sebastião. In *Actas 4.ª Sesion Cong. Int. Ciencias Prehistoricas y Protobistoricas, Madrid, 1954*. Zaragoza. p. 339-346.
- FERREIRA, O. da V. (1961) – Pectinídeos do Miocénico da bacia do Tejo. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 45, p. 419-465.
- FERREIRA, O. da V. (1965) – Recordações de uma viagem do Padre Henri Breuil ao abrigo de Vale de Junco, Esperança. *Revista da Faculdade de Letras*. Lisboa. 9, p. 275-277.
- FERREIRA, O. da V. (1966) – Acerca dos primeiros restos de *Homo neanderthalensis* encontrados no Mustierense de Portugal. *Lucerna*. Porto. 5, p. 361-375.
- FERREIRA, O. da V. (1966) – *La Culture du Vase Campaniforme au Portugal*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal. p. 122. (Memórias; 12).
- FERREIRA, O. da V. (1970) – Tenente-Coronel Afonso do Paço. Arqueólogo e etnógrafo. In *Actas das 1.ªs Jornadas Arqueológicas, Lisboa, 1969*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. 2, p. 7-35.
- FERREIRA, O. da V. (1978) – Subsídio para a carta arqueológica da região egitaniense. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 4, p. 227-241.
- FERREIRA, O. da V. (1984) – O mais importante nível de ocupação do caçador neanderthal da Gruta Nova da Columbeira, Bombarral. In *Vol. d'Homage au Géologue Georges Zbyszewski*. Paris: Éditions Recherche sur les Civilisations. p. 365-370.
- FERREIRA, O. da V. e ANDRADE, R. F. de (1966) – A necrópole de Valdoca, Aljustrel. *Conimbriga*. Coimbra. 5, p. 1-6.
- FERREIRA, O. da V. e CAVACO, A. R. (1952) – O monumento pré-histórico de Lousal, Grândola. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 33, p. 247-255.
- FERREIRA, O. da V. e CAVACO, A. R. (1955-57) – Antiguidades do Lousal, Grândola. Sepulturas descobertas. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 15: 3-4, p. 190-202.
- FERREIRA, O. da V. e TRINDADE, L. (1956) – La necropole de “Cabeço da Arruda”, T. Vedras. In *Actas IV Sesion Cong. Int. Ciencias Prehistoricas y Protobistoricas, Madrid, 1954*. Zaragoza. p. 503-516.
- FIGUEIREDO, C. M. de (1953/53) – Subsídios para o estudo da viação romana das Beiras. *Beira Alta*. Viseu. 11: 4, p. 271-330; 12: 1, p. 27-63; 12: 2-3, p. 153-203.
- FRANÇA, J. C. e FERREIRA, O. da V. (1957) – Estação pré-histórica da Samarra, Sintra. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 39, p. 61-86.
- GIRÃO, A. (1921) – *Antiguidades pré-históricas de Lafões*. Coimbra: Imprensa da Universidade. p. 68.
- HELENO, M. (1956) – Um quarto de século de investigação arqueológica. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 2. 3, p. 221-237.
- LEISNER, G. e LEISNER, V. (1959) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Berlin: Walther de Gruyter. 2 vol. (Deutsches Archäologisches Institut. Abteilung Madrid).
- OLEIRO, J. M. B. (1951) – Elementos para o estudo da “terra sigillata” em Portugal. 1- Marcas de oleiro encontradas no país. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 61:1-2, p. 81-111.
- OLEIRO, J. M. B. (1952) – *Catálogo de lucernas romanas*. Coimbra: Museu Machado de Castro. p. 46.
- OLIVEIRA, E. P. de (1984) – *Bibliografia arqueológica portuguesa, 1935-1969*. Lisboa: Instituto Português do Património Cultural. p. 233.

- PAÇO, A. do e FERREIRA, O. da V. (1951) – Antiguidades de Fontalva. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 61:3-4, p. 416-425.
- PAÇO, A. do; FERREIRA, O. da V.; VIANA, A. (1957) – Antiguidades de Fontalva: neo-eneolítico e romano. *Zephyrus*. Salamanca. 8, p. 111-133.
- ROCHA, A. dos S. (1911) – *Materiaes para o estudo da Idade do Cobre em Portugal*. Figueira da Foz. p. 79.
- ROCHE, J. e TRINDADE, L. (1951) – La station préhistorique de Rossio do Cabo, Santa Cruz-Estremadura. *Boletim da Sociedade Geológica de Portugal*. Lisboa. 9: 3, p. 219-228.
- SANGMEISTER, E. (1951) – Die Glockenbecherkultur und die Becherkulturen. *Schriften zur Urgeschichte*. Melsungen. 3: 1.
- SAVORY, H. N. (1950) – A influência do povo "Beaker" no primeiro período da Idade do Bronze na Europa Ocidental. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 60: 3-4, p. 350-375.
- SILVA, C. T. da e SOARES, J. (1976-1977) – Contribuição para o conhecimento dos povoados do Baixo Alentejo e Algarve. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 2-3, p. 179-272.
- SOARES, A. M. M. e CABRAL, J. M. P. (1993) – Cronologia absoluta para o Calcolítico da Estremadura e do Sul de Portugal. In *Actas do I Congresso de Arqueologia Peninsular, Porto, 1993*. Porto. 2, p. 217-235. (Trabalhos de Antropologia e Etnologia; 33).
- VEIGA, S. P. M. E. da (1889) – *Antiguidades Monumentares do Algarve. Tempos prehistoricos*. Lisboa: Imprensa Nacional. 3, p. 394.
- VIANA, A. (1949) – Restos de Ossónoba, no Largo da Sé, em Faro. *Rev. Sind. Nac. Eng. Aux. Ag. Têc. Eng.º e Condutores*. Lisboa. 4: 39-40, p. 358-373; 4: 41-42, p. 409-414; 4: 43-44, p. 446-454; 4: 45-46, p. 488-492.
- VIANA, A. (1952) – Balsa y la necropolis romana de As Pedras d'El Rey. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 25: 2, p. 261-185.
- VIANA, A. (1953) – O Monumento megalítico da Folha de Amendoeira, Odivelas do Alentejo. *Zephyrus*. Salamanca. 4, p. 241-263.
- VIANA, A. (1954) – António Dias de Deus. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 15: 1-2, p. 128-129.
- VIANA, A. (1956a) – Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo. 17 – Espada de bronze, de Nossa Senhora da Cola. *Arquivo de Beja*. Beja. 13: 1-4, p. 148-149.
- VIANA, A. (1956b) – *Algumas notas sobre António Dias de Deus e suas pesquisas arqueológicas no concelho de Elvas*. Beja: Minerva Comercial. p. 10.
- VIANA, A. (1960) – Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo. Senhora da Cola. *Arquivo de Beja*. Beja. 17: 1-4, p. 138-231.
- VIANA, A. e DEUS, A. D. de (1953) – Exploração de algumas necrópoles céltico-romanas do concelho de Elvas. In *13.º Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, Lisboa, 1950*. Lisboa. p. 67-74.
- VIANA, A. e FERREIRA, O. da V. (1956) – L'importance du cuivre péninsulaire dans les Âges du Bronze. In *Actas IV Cong. Int. Ciencias Prehistoricas y Protobistoricas, Madrid, 1954*. Zaragoza. p. 521-529.
- VIANA, A. e ZBYSZEWSKI, G. (1949) – Contribuição para o estudo do Quaternário do Algarve. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 29, p. 197-250.
- VIANA, A. e ZBYSZEWSKI, G. (1952) – Paleolítico dos arredores de Beja. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 33, p. 99-153.
- VIANA, A.; FORMOSINHO, J.; FERREIRA, O. da V. (1948/49) – Restos de caminhos romanos nas Caldas de Monchique. *Rev. Sind. Nac. Eng. Aux. Ag. Têc. Eng. e Condutores*. Lisboa. 3: 29-30, p. 156-166.
- VIANA, A.; FORMOSINHO, J.; FERREIRA, O. da V. (1948) – O conjunto visigótico de

- Alcaria, Caldas de Monchique. *Rev. Sind. Nac. Eng. Aux. Ag. Têc. Eng.º e Condutores*. Lisboa. 3: 33-34, p. 227-233.
- VIANA, A.; FERREIRA, O. da V.; FORMOSINHO, J. (1949) – Necropolis de las Caldas de Monchique. Nuevas contribuciones para el conocimiento de la Edad del Bronce en el Algarbe. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 22, p. 291-312.
- VIANA, A.; FERREIRA, O. da V.; FORMOSINHO, J. (1950) – Nuevas contribuciones para el conocimiento de la Edad del Bronce en el Algarbe. Las necropolis de las Caldas de Monchique. In *Crónica del I Congreso Nacional de Arqueología, Almería, 1949*. Cartagena. p. 88-94.
- VIANA, A.; FORMOSINHO, J.; FERREIRA, O. da V. (1952) – Alguns objectos inéditos do Museu Regional de Lagos. Monte Molião. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 62: 1-2, p. 133-142.
- VIANA, A.; FORMOSINHO, J.; FERREIRA, O. da V. (1953a) – De lo prerromano a lo arabe en el Museo Regional de Lagos. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 26: 1, p. 113-138.
- VIANA, A.; FERREIRA, O. da V.; FORMOSINHO, J. (1953b) – Estudos arqueológicos nas Caldas de Monchique. Investigações de 1948-1949. In *13.º Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, Lisboa, 1950*. Lisboa. p. 75-89.
- VIANA, A.; FORMOSINHO, J.; FERREIRA, O. da V. (1953c) – O capacete céltico do Museu Regional de Lagos, Algarve. In *13.º Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, Lisboa, 1950*. Lisboa. p. 393-398.
- VIANA, A.; FORMOSINHO, J.; FERREIRA, O. da V. (1953d) – Algumas notas sobre o Bronze Mediterrânico do Museu Regional de Lagos. *Zephyrus*. Salamanca. 4, p. 97-117.
- VIANA, A.; FERREIRA, O. da V.; FORMOSINHO, J. (1953e) – Estudos arqueológicos nas Caldas de Monchique. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 14: 1-4, p. 66-225.
- VIANA, A.; ANDRADE, R. F. de; FERREIRA, O. da V. (1954) – Minerações romanas de Aljustrel. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 35, p. 79-92.
- VIANA, A.; FERREIRA, O. da V.; FORMOSINHO, J. (1954) – Estudos arqueológicos nas Caldas de Monchique. Relance das explorações nas necrópoles da Idade do Bronze, do ano de 1937 ao de 1949. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 15: 1-4, p. 17-54.
- VIANA, A.; FERREIRA, O. da V.; ANDRADE, R. F. de (1956) – Exploração das minas de Aljustrel pelos romanos. *Arquivo de Beja*. Beja. 13: 1-4, p. 3-20.
- VIANA, A.; FERREIRA, O. da V.; ANDRADE, R. F. de (1957) – Monumentos megalíticos dos arredores de Ourique. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 38: 2, p. 409-419.
- VIANA, A.; FERREIRA, O. da V.; SERRALHEIRO, A. (1957) – Apontamentos arqueológicos dos concelhos de Aljustrel e Almodôvar. In *23.º Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, Coimbra, 1956*. Coimbra. p. 471-481.
- VIANA, A. [et al.] (1959) – Contribuição para o conhecimento da Arqueologia Megalítica do Baixo Alentejo. In *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia, Lisboa, 1958*. Lisboa. 1, p. 197-213.
- VIANA, A.; FERREIRA, O. da V.; ANDRADE, R. F. de (1960) – O monumento pré-histórico do Malha-Ferro, Panóias. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 70: 1-2, p. 21-50.
- VIANA, A.; FERREIRA, O. da V.; ANDRADE, R. F. de (1961a) – Descoberta de dois monumentos de falsa cúpula na região de Ourique. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 71: 1-2, p. 5-12.
- VIANA, A.; ANDRADE, R. F. de; FERREIRA, O. da V. (1961b) – O monumento pré-histórico do Monte Velho, Ourique. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 45, p. 483-492.

- VIANA, A.; FERREIRA, O. da V.; ANDRADE, R. F. de (1961c) – Um túmulo de “tipo alcalarense” nos arredores de Aljustrel. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 71: 3-4, p. 274-254.
- ZBYSZEWSKI, G. (1943) – La classification du Paléolithique ancien et la chronologie du Quaternaire de Portugal en 1942. *Boletim da Sociedade Geológica de Portugal*. Porto. 2: 2-3, p. 3-111.
- ZBYSZEWSKI, G.; FERREIRA, O. da V. (1958) – Estação pré-histórica da Penha Verde, Sintra. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 39, p. 37-60.
- ZBYSZEWSKI, G.; FERREIRA, O. da V. (1959) – Segunda campanha de escavações na Penha Verde. In *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia, Lisboa, 1958*. Lisboa. 1, p. 401-406.
- ZBYSZEWSKI, G.; VIANA, A.; FERREIRA, O. da V. (1957) – A gruta pré-histórica da Ponte da Lage, Oeiras. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 38: 2, p. 459-463.
- ZILHÃO, J. (1997) – *O Paleolítico Superior da Estremadura Portuguesa*. Lisboa: Edições Colibri. 2 vol. p. 309 e p. 850.